

Zeferino inspira tese

A trajetória científica e administrativa do fundador da Unicamp, Zeferino Vaz, foi o tema da dissertação de Stela Maria Meneghel, recém-defendida na Faculdade de Educação. **Página 12.**



JORNAL DA Unicamp

Campinas, outubro/novembro de 1994

Ano VIII

Nº 94

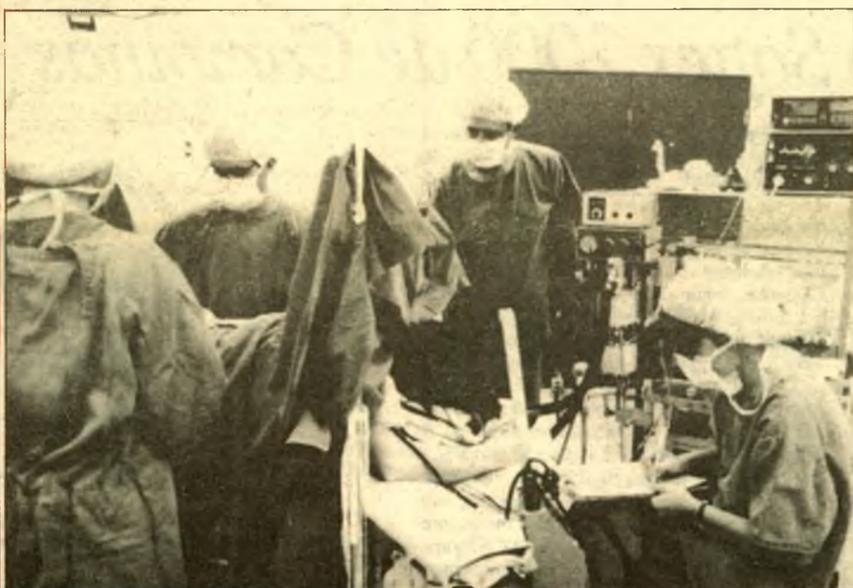


O obstetra Ricardo Barini entre duas mães e seus bebês recém-nascidos.

Programas de saúde alcançam índices de Primeiro Mundo

Dois programas de saúde clínica iniciados há apenas um ano na Unicamp vêm apresentando índices de eficácia iguais ou até superiores aos obtidos em centros hospitalares do Primeiro Mundo: o programa antiaborto desenvolvido pelo Centro de Assistência Integral à Saúde da Mulher (Caism) e o programa de transplante de medula óssea implantado no Hospital das Clínicas da Universidade. Coordena-

nado pelo obstetra Ricardo Barini, que desenvolveu uma vacina para mulheres com histórico de aborto recorrente, o programa do Caism superou o índice de 85% de eficácia alcançado em países como Japão e Estados Unidos. O programa de transplante de medula óssea, coordenado pelo hematologista Wellington Moraes de Azevedo, apresenta índice semelhante. **Página 4 e 5.**



Equipe médica durante o primeiro transplante de medula óssea.

A dependência repensada

Tema fértil no debate econômico dos anos 50 e 60, a teoria da dependência volta à discussão na tese da economista Lídia Goldenstein, defendida recentemente no Instituto de Economia da Unicamp. A pesquisadora revela pessimismo quanto às soluções de curto prazo. Para ela, o debate precisa ir além da questão da inflação. **Página 6.**



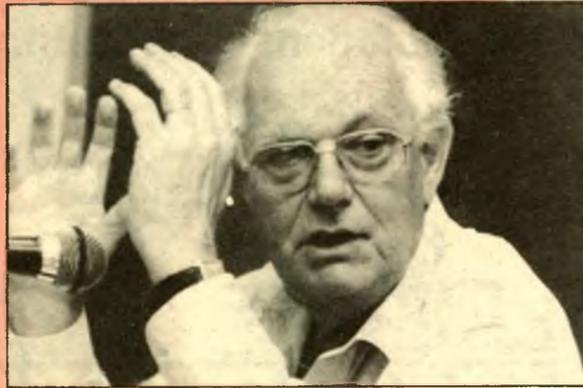
A economista Lídia Goldenstein.

NESTA EDIÇÃO

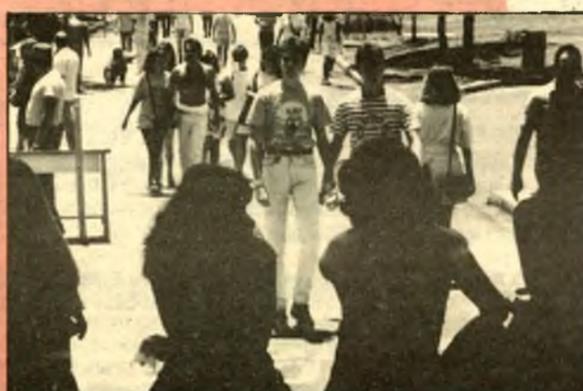
JUBILEU
O Departamento de Ciência da Computação (equipe na foto) acaba de completar um quarto de século. **Página 3.**



BUROCRACIA
O país tem uma alta burocracia competente. É o que diz a cientista social Gilda Portugal Gouvêa. **Página 9.**



IGNACY SACHS
O brasileiro e sociólogo polonês afirma na Unicamp que o país precisa aprender a planejar a longo prazo. **Página 7.**



VESTIBULANDOS
Estudo mostra que, nos últimos oito anos, melhorou o padrão intelectual do vestibulando da Unicamp. **Página 3.**

Formação profissional, mentalidade empresarial

José Newton Carpintero

A participação no 2º Encontro de Empresas Juniores da Unicamp abordando o tema das mudanças na mentalidade empresarial, me permitiu refletir e discutir mais amplamente uma série de preocupações que considero relevantes, tanto para situar a questão da participação empresarial, no atual momento de reestruturação da economia brasileira, como para melhor compreender o movimento das empresas juniores que se amplia e se consolida em nossa universidade.

No sentido de relacionar a mentalidade empresarial à formação de novos profissionais (e quem sabe empresários!) e procurando fugir das simplificações, procurei utilizar estudos científicos importantes sobre a competitividade da indústria brasileira (uma vez que a mentalidade empresarial é um dos fatores determinantes da competitividade). Um dos problemas principais apontados pelos estudos, para nossa falada "falta de competitividade", diz respeito à mentalidade empresarial. Para qualificar esse problema o estudo aponta itens como: estruturas arcaicas e familiares das empresas; falta de profissionalização dos dirigentes; pouca ou nenhuma preocupação com treinamento de pessoal e com a tecnologia etc.

A esses pontos levantados diretamente nas pesquisas, pode-se acrescentar, através da análise histórica, itens como: a extrema dependência dos investimentos públicos, a aversão ao risco etc.

Deve-se contrapor a essas qualificações apontadas, algumas idéias constantemente citadas como parte importante do perfil de empresários ligados a empresas ou instituições bem-sucedidas e que dizem respeito ao espírito cooperativo, à gerência participativa, à preocupação com a qualificação dos recursos humanos/trabalho e à responsabilidade social e atitude prospectiva ou voltada para o futuro (em contraposição à visão de curto prazo, imediatista).

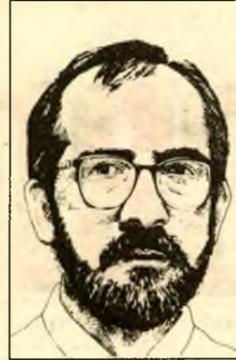
Estas últimas características, quase sempre apontadas como pouco presentes na "mentalidade do empresário brasileiro", estariam sendo substituídas de forma rápida e progressiva naquele meio e sendo captadas através de atitudes que indicariam a mudança e a "modernização" da mentalidade empresarial, via, principalmente, o uso de "modernas" técnicas que permitiriam pelo menos um certo brilho de modernidade em suas atividades, frente ao crescente desafio da competitividade global (imposto de fora para dentro do setor empresarial e numa velocidade de implantação sempre questionável).

Parece-me claro, entretanto, que esse "movimento de modernidade gerencial" é extremamente parcial e esconde as limitações de um processo efetivo de mudanças. Novos valores e práticas ainda não estão devidamente incorporados à prática empresarial, uma vez que a prática do processo se limita a unidades empresariais em setores específicos, sem apresentar perspectivas de mudanças concretas de atitude dessas unidades para a sociedade como um todo (empresas cooperativas, empresas participativas, com responsabilidade social etc.). Basta ver o grande crescimento da "produtividade" (espúria) que o país tem assistido, com o agravamento constante de seu quadro social, ou seja, as empresas têm resolvido seus problemas tornando-se "competitivas" e transferindo seus problemas para a "sociedade".

Este cenário de mudanças na mentalidade empresarial, que o surgimento de movimentos como o das "empresas juniores", pelo modo como tem sido propagando (quantidade de projetos realizados, custo barato etc) merece discussão e qualificação muito claras.

Passando rapidamente pelo aspecto organizacional, com essas "empresas" sendo formadas e dirigidas por estruturas exageradamente burocratizadas com os alunos se constituindo em "presidentes e diretores disto e daquilo etc.",

José Newton Carpintero é professor do Instituto de Economia e chefe de gabinete da Reitoria da Unicamp.



repetem-se portanto as estruturas já ultrapassadas nas empresas mais modernas e bem-sucedidas, nas quais as estruturas tradicionais têm sido substituídas por estruturas participativa onde não se tem mais "dirigentes de áreas", que só planejam e não trabalham.

Cabe sugerir, nesse sentido, olhar para fora e buscar a montagem de estruturas centradas nos projetos, nos quais todos fazem conjuntamente um pouco de tudo e aproveitam os próprios projetos (o que não deverão ser muitos ao longo do curso) para aprender em equipe todos os passos/etapas de um trabalho, sem especialistas em áreas onde não se procuram mais especialistas no mundo real.

Outro aspecto muito importante diz respeito à preocupação dos dirigentes com a quantidade de projetos, com o faturamento da empresa-júnior. Essa visão de curto prazo deixa em segundo plano o objetivo principal da empresa-júnior, que deve ser a aproximação do aluno com o mundo real, complementando sua formação acadêmica e profissional e permitindo sua renovação via contato direto com a experiência dos docentes e outros profissionais das

próprias empresas, de maneira mais concreta e dinâmica.

Nesse sentido, o da complementaridade da formação profissional, não devem as atividades nas empresas juniores sobrepor-se, em hipótese alguma, às atividades ligadas à sua formação mais ampla, que uma universidade como a Unicamp tem feito com grande sabedoria e eficácia, privilegiando aspecto fundamental do profissional de hoje e do futuro, que é sua visão geral da sociedade.

A possibilidade de contato com o mundo concreto do trabalho pode e deve ser utilizado para captar as técnicas, desenvolvê-las e até modificá-las, sempre que possível, no sentido do acesso e da democratização de seus princípios, o que ajudaria inclusive a muitos docentes/profissionais na troca ou na discussão de suas experiências, democratizando e divulgando seu conhecimento, uma vez que sempre serão eles os responsáveis últimos pela realização dos trabalhos/projetos.

Abre-se desta forma um canal importante de acesso da comunidade às novas técnicas, em especial às médias, pequenas e micro-empresas, principais receptoras desse tipo de trabalho.

Aos "alunos-empresários ou consultores juniores", como queiram, deveria interessar não sua formação como empresário "inovador, empreendedor ou outras simplificações do gênero", mas primordialmente profissionais competentes e com condições de trabalhar em equipe, contribuindo dessa forma para a complementação e o aperfeiçoamento tanto de sua formação profissional como de cidadão que aprendeu a dividir experiências, participar de sua própria formação e na de outros colegas, com a responsabilidade social que o mundo real necessita, entendendo que esse processo de mudança, que pode se iniciar junto a um movimento deste tipo, deve constituir pressuposto básico de uma nova mentalidade empresarial.

A importância do Núcleo Softex 2000 de Campinas

Tomasz Kowaltowski

Nos dias 21 e 22 de setembro, o Departamento de Ciência da Computação (DCC) comemorou 25 anos de atividades de ensino e de pesquisa. Um dos acontecimentos mais significativos destas comemorações foi, sem dúvida, a inauguração do Núcleo Softex 2000 de Campinas, que ocupa quase metade do espaço do antigo pavilhão do CCUEC, recém-incorporado ao DCC.

A cerimônia de inauguração contou com a presença de Caspar Erich Stemmer, secretário executivo do MCT, representando o ministro José Israel Vargas; do prefeito de Campinas, José Roberto Magalhães Teixeira; e do reitor da Unicamp, José Martins Filho; além de outras personalidades li-

gadas ao evento. Durante a cerimônia foram assinados vários convênios e protocolos prevendo colaboração técnica do Núcleo com o CPQD da Telebrás, com a Fundação CTI/MCT, com a Pucamp e com a IBM do Brasil.

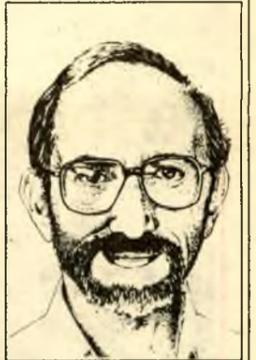
O Núcleo Softex 2000 de Campinas é um dos 13 que fazem parte do Programa Nacional Softex 2000. Esse programa foi concebido há cerca de quatro anos pelo Dr. Eduardo Moreira da Costa, então pesquisador do CPQD da Telebrás. Atualmente, o programa é administrado pela Diretoria de Programas Especiais do CNPq, da qual o Dr. Eduardo é diretor. Entretanto, a Coordenação Nacional do programa continua sediada em Campinas, onde teve sua origem, juntamente com a Coordenação da Rede Nacional de Pesquisa (RNP), outra iniciativa sob a administração daquela dire-

toria. O programa previa a criação, em várias cidades do país, de núcleos cuja missão fosse dar apoio às atividades locais de desenvolvimento de software para exportação. Os núcleos foram criados conforme propostas apresentadas por prefeituras e outras entidades locais: universidades, órgãos estaduais, associações empresariais. Além de Campinas, foram criados núcleos em Porto Alegre, Blumenau, Joinville, Curitiba, São José dos Campos, Rio de Janeiro, Juiz de Fora, Brasília, Vitória, Belo Horizonte, Recife e Campina Grande.

O objetivo primordial do Programa Softex 2000 é estimular o desenvolvimento de produtos de software para exportação, sendo a meta almejada alcançar, no ano 2000, 1% do mercado mundial, o que equivaleria a cerca de 2 bilhões de dólares anuais. Os núcleos são muito independentes, criados sempre em parceria com órgãos locais: prefeituras, empresas e universidades. O CNPq apenas coordena as atividades e provê alguns recursos comuns — principalmente bolsas e equipamentos. Os núcleos devem buscar outras fontes de recursos, podendo aproveitar incentivos da Lei 8248. O Programa Nacional mantém, também, um escritório de representação do Programa Softex 2000 na Flórida (EUA), que dá apoio às empresas exportadoras, com instalações locais, incluindo equipamentos e acesso às informações mercadológicas.

O Núcleo Softex 2000 de Campinas é uma sociedade sem fins lucrativos, cujos membros ordinários são empresas produtoras de software. O órgão máximo da sociedade é o Conselho Curador, composto de cinco entidades jurídicas: Unicamp, Prefeitura Municipal de Campinas e a Associação das empresas locais de software (três membros fundadores), além de mais duas empresas eleitas pelas empresas sócias do Núcleo. A administração do núcleo é coordenada por uma Secretária Executiva composta de três voluntários, que são atualmente o secretário geral, Atílio Ed Proença Reigada (da empresa STTS); o secretário administrativo-financeiro, Paulo Ensinas (da Cia-tec/PMC); e o secretário de tecnologia, Tomasz Kowaltowski (do DCC/Unicamp). O núcleo é administrado por um gerente, José de Oliveira Freitas (professor do DCC e analista da IMA), auxiliado por uma gerente-adjunta e uma secretária.

Tomasz Kowaltowski é professor titular do Departamento de Ciência da Computação do Imecc da Unicamp.



O núcleo iniciou seu funcionamento, mesmo sem a sede, já no ano passado. As primeiras atividades foram o julgamento de projetos das empresas que seriam apoiadas pelo núcleo com bolsas do CNPq e com a utilização dos equipamentos e dos serviços do escritório de representação da Flórida. Além disso, houve uma grande disseminação de informações e incentivos para participação em vários eventos e feiras comerciais de software, no país e no exterior. Com a inauguração efetiva da sua sede e a implantação da estrutura administrativa, o núcleo deverá intensificar as suas atividades. As empresas sócias do núcleo já estão começando a utilizar os equipamentos instalados, incluindo vários ambientes e tecnologias, interligados por uma rede e que serão em breve integrados à RNP e à rede Internet. O núcleo dispõe de um espaço especial para abrigar empresas nascentes de software que constituirão uma de suas prioridades. Espera-se que várias dessas empresas surjam como *spin-offs* naturais da empresa-júnior dos alunos dos cursos de Computação (Compec), cuja sede fica no mesmo pavilhão, no DCC.

A instalação efetiva do Núcleo Softex 2000 de Campinas tem uma grande importância para a região de Campinas, uma das mais promissoras para o Programa Softex 2000, bem como para a Unicamp, com a qual o núcleo está intimamente associado, particularmente através das suas relações especiais como o DCC.

MAIS UMA MANIA EM BARÃO!

Grandes Variedades de Doces, Chocolates e Embalagens p/ Presente.



Av. Sta Izabel, 140/ F: 39-0481



UNICAMP — Universidade Estadual de Campinas

Reitor — José Martins Filho. Vice-reitor — André Maria Pompeu Villalobos. Pró-reitor de Extensão e Cultura — Archimedes Perez Filho. Pró-reitor de Desenvolvimento Universitário — José Tadeu Jorge. Pró-reitor de Pesquisa — Carlos Henrique de Brito Cruz. Pró-reitor de Graduação — José Tomaz Vieira Pereira. Pró-reitor de Pós-Graduação — Hermógenes de Freitas Leitão Filho.

Elaborado pela Assessoria de Imprensa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Periodicidade mensal. Correspondência e sugestões: Cidade Universitária "Zeferino Vaz", CEP 13081-970, Campinas-SP — Telefones (0192) 39-7865, 39-7183, 39-8404. FAX (0192) 39-3848. Editor — Eustáquio Gomes (MTb 10.734). Subeditor — Amarildo Carnicel (MTb 15.519). Redatores — Antônio Roberto Fava (MTb 11.713), Célia Pigliane (MTb 13.837), Graça Caldas (MTb 12.918), Lea Cristiane Violante Pacheco (MTb 14.617), Nadir Antonia Platano Peinado (MTb 16.413), Raquel do Carmo Santos (MTb 22.473) e Roberto Costa (MTb 13.751). Fotografia — Antoninho Marmo Perri (MTb 828). Projeto Gráfico — Amarildo Carnicel. Ilustração e arte-final — Oséas de Magalhães. Diagramação — Roberto Costa. Serviços técnicos — Clara Eli de Mello, Dário Mendes Crispim, Dulcinéa Ap. B. de Souza, Edson Lara de Almeida, Hélio Costa Júnior e Sônia Regina T.T. Pais.

DCC tem perfil consolidado

Departamento de Ciência da Computação chega aos 25 anos como um dos melhores

No final dos anos 60, quando a Unicamp começava a se estruturar, era criado no campus o Departamento de Ciência da Computação (DCC), dividindo a primazia com o Departamento de Ciência da Computação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Vinculado ao Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação (Imecc), o DCC acaba de completar 25 anos.

O DCC é reconhecido no Brasil como dos melhores da área, quer seja pelos trabalhos desenvolvidos por seus docentes e pesquisadores ou pela atuação junto à comunidade e à Sociedade Brasileira de Computação. Também se destaca ao prestar assessorias ao segmento empresarial e pela participação de seus docentes como assessores nos comitês do Conselho Nacional de Pesquisa Tecnológica (CNPq), da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

A maturidade do departamento também se constata pelo repasse de suas pesquisas, distribuídas em 14 áreas que contemplam 32 projetos. Foi com base num dos trabalhos do DCC, por exemplo, que o jornal *Folha de S. Paulo* introduziu em seu sistema de infor-



Anido: "Ciência da computação é um misto entre matemática e engenharia".

matização o corretor ortográfico para uso de seus jornalistas. Outro produto desenvolvido pelos pesquisadores do departamento é o sistema de recuperação de dados denominado *Undelete for Unix*, que será apresentado em novembro na Feira Condex, nos Estados Unidos.

Qualidade — Outro motivo que faz da pesquisa um ponto forte do DCC é a qualidade de seu

corpo docente — dos 43 professores, 33 têm titulação mínima de doutor. Graduado em engenharia mecânica pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), Ricardo de Oliveira Anido, atual chefe do DCC, recorda que, ao iniciar o seu mestrado em ciência da computação, em 1978, havia somente quatro doutores entre os docentes do departamento. Na época, jovens professores eram contratados e enviados às melho-

res escolas do exterior, retornando a partir de 1985.

Na bagagem, eles trouxeram subsídios para efetivar um objetivo que se pretendia alcançar desde a formação do departamento: a integração da engenharia com a computação. Em 1990 criava-se o curso de engenharia de computação, cuja primeira turma formou-se no ano seguinte, constituída por alunos do antigo bacharelado.

O DCC oferece ainda o curso de bacharelado em ciência da computação, voltado ao estudo das técnicas, tecnologias, metodologias de desenvolvimento de computadores e programas. É ministrado em período noturno e oferece anualmente 30 vagas, enquanto no curso de engenharia da computação são 90 vagas em período integral. Além dessas, a cada ano o DCC recebe em seu programa de pós-graduação 40 novos alunos para o mestrado e cinco para o doutorado.

Nos exames vestibulares da Unicamp, o bacharelado em ciência da computação é o segundo na relação candidato/vaga, tendo superado este ano a procura pela odontologia, perdendo somente para a medicina. Desde que iniciou suas atividades, o departamento graduou mais de 1.200 profissionais e 50 pós-graduandos — muitos dos quais participaram, em setembro, das comemorações pelos 25 anos do curso.

Diante da dinâmica da área, o currículo de ciência da computação na Unicamp tem sido constantemente adaptado. Por exemplo, com a queda da reserva para a informática, o mercado brasileiro tem se voltado para a produção de software, diz Anido, lembrando que os projetos de hardware são feitos cada vez mais com o uso de software. As atividades se mesclam, como a própria denominação do curso, já que a ciência da computação não é matemática nem engenharia, mas um misto das duas áreas. (C.P.)

Melhora ainda mais padrão cultural do vestibulando

Cai nível de vida das famílias, mas candidatos lêem mais

Há quase uma década o Grupo de Pesquisa da Comissão Permanente para os Vestibulares (Convest) da Unicamp vem procurando definir o perfil dos candidatos que prestam o exame de seleção da Universidade. De 1987 a 1994, entre inscritos e aprovados, matriculados ou não, 263.299 jovens responderam no ato da inscrição ao questionário de acompanhamento do nível sócio-econômico-cultural. Além de tornar possível conhecer quem é o estudante que faz sua opção pela Unicamp, o trabalho já sugere uma alteração no ensino. Qual seja, a de que os professores do segundo grau comecem a se libertar do velho ensino caracterizado pelos exercícios de memorização de conhecimentos e pelos macetes que visam exclusivamente driblar os concursos seletivos das universidades.

Esse aspecto torna-se evidente numa das principais constatações da pesquisa intitulada "Perfil sócio-econômico-cultural de candidatos e ingressantes da Unicamp (1987-1994)", recentemente concluída pelo grupo. Trata-se da questão sobre qual o meio mais utilizado para se manter informado sobre os acontecimentos atuais. De acordo com o professor da Faculdade de Educação (FE) da Unicamp e coordenador do Grupo de Pesquisa da Convest, Newton Cesar Balzan, 67,2% dos inscritos responderam que lêem jornais e revistas, enquanto 28,3% procuram se atualizar através da televisão.

As mudanças são claras. Basta lembrar que a primeira pesquisa com os vestibulandos de 1987 indicava que 39,4% se utilizavam de jornalismo televisivo. "Mudamos não só a forma de ingresso na Universidade, como também provocamos alterações no sistema de ensino do aluno que procura

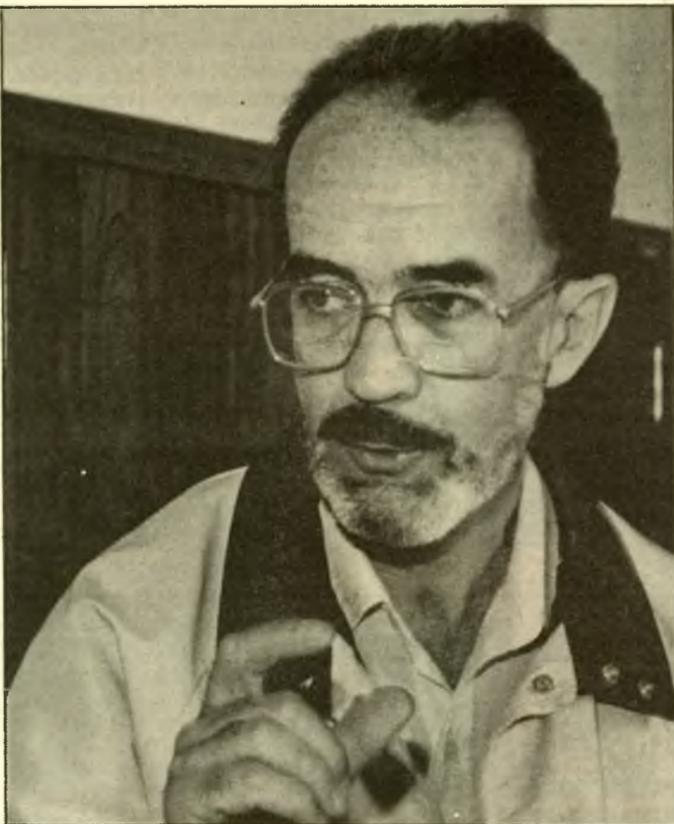
a Unicamp", avalia Balzan. São jovens entre 17 e 19 anos que priorizam a leitura, se conscientizam mais e demonstram maior senso crítico. A pesquisa revela que, hoje, 41,3% dos ingressantes lêem diariamente algum jornal. Até mesmo no lazer, desde 1987 se constata, seja entre os inscritos seja os matriculados, altos percentuais para a música e a leitura como atividades sócio-culturais a que mais se dedicam.

Influência positiva — O vestibular com respostas dissertativas instituído a partir de 1987 e a redação com temas da atualidade exercem uma influência positiva sobre o ensino de segundo grau, como avaliam os membros do Grupo de Pesquisa da Convest. "Em 1986 nossa meta era não só selecionar o aluno de pensamento mais crítico, como também era nosso objetivo mudar o ensino de segundo grau".

Nesses seis anos, conta Balzan, mais de cinco mil professores das redes pública estadual e particular participaram de eventos organizados pela Convest, com debates sobre ensino e vestibular. "Acreditamos que estamos contribuindo para libertar o professor daquele ensino rotineiro, voltado para exames vestibulares que valorizam mais a memorização de conhecimentos. Procuramos inverter esse processo e creio que, em parte, estamos conseguindo alterar isso", comenta Balzan.

Outro indicador dessa tendência é a nota de aprovação nos vestibulares. Em 18 dos 41 cursos oferecidos em 1993, ou seja, 43% do total, a nota média dos candidatos foi igual ou superior a cinco — a mínima exigida para aprovação na Unicamp. "Se esse dado indica que ainda não atingimos o 'ideal', quando o comparamos com 1987 constatamos que houve efetiva mudança para melhor. Naquele ano, somente em 15,4% dos cursos a média dos calouros foi igual ou superior a 5%", revela o coordenador.

Expectativa elevada — Embora os dados apurados pelo Grupo de Pesquisa apresentem indicadores cada vez melhores, a análise de Balzan é a de que, em geral, o aluno da Universi-



Balzan: alterações no sistema de ensino.

dade ainda não é o que a instituição espera formar para o mercado de trabalho. "Da mesma maneira como criamos uma pressão externa com o vestibular dissertativo, também exercemos pressões internamente, visando à melhoria dos nossos cursos", enfatiza o educador.

Há uma questão respondida no ato da inscrição pelos candidatos que alerta para a necessidade do aprimoramento do ensino oferecido: o motivo principal da opção pela Unicamp. Em 70% das respostas observou-se que as razões têm sido o conceito de que desfruta como universidade, a riqueza cultural de sua vida universitária e o fato de a Unicamp ser a insti-

tuição que oferece o melhor curso em sua área de interesse. Juntas, essas três informações deixam transparecer a alta expectativa do aluno ingressante, afirma Balzan, lembrando que esse não é um indicador isolado.

Um estudo organizado pelo professor José Dias Sobrinho, da Faculdade de Educação, na época em que exercia o cargo de pró-reitor de Pós-Graduação, demonstra que "o ensino de graduação na Unicamp ainda precisa ser melhorado, principalmente nas chamadas disciplinas básicas, ministradas no primeiro ano", revela o coordenador do Grupo de Pesquisa da Convest. Intitulado *Avaliação Institucional da Unicamp — Processo, Dis-*

cussão e Resultados, o estudo foi recentemente publicado em livro pela Editora da Unicamp.

Estímulo — Balzan conclui que esses dois trabalhos — a pesquisa da Convest e a avaliação institucional — mostram que há uma importante tarefa a ser efetivada junto aos docentes e alunos, a fim de melhorar o ensino na Universidade. Por exemplo, a promoção de atividades mais estimulantes e inquiridoras. "Não se pode oferecer uma aula meramente expositiva para um aluno com mentalidade mais crítica, que lê bastante e busca a Universidade com altas expectativas. Para atender a essa exigência é preciso inverter a pirâmide, com professores gabaritados para a pós-graduação ministrando aulas também na graduação".

Outros dados colhidos pelo Grupo de Pesquisa revelam, a partir de 1987, a queda da renda familiar tanto entre os inscritos para o vestibular como entre os ingressantes na Unicamp. Dos matriculados, por exemplo, observou-se em 1987 que 74,1% eram de famílias com renda superior a 10 salários mínimos, enquanto em 1994 esse índice caiu para 54,1%. "O vestibular da Unicamp não é seletivo econômico ou socialmente, pois não elimina o candidato cujo pai tem apenas o curso primário, por exemplo", diz o professor Balzan.

A maior parte dos candidatos é do Estado de São Paulo (86%), vindo na seqüência os provenientes de outros Estados (13,1%). Nesses quase dez anos, nota-se que há uma curiosa proporcionalidade entre inscritos do sexo masculino e do sexo feminino. Entre os aprovados e matriculados, porém, há predominância de homens (57,8%) em relação às mulheres (42,2%). A explicação desses fatos pode estar na natureza das carreiras oferecidas. Os cursos considerados masculinos são as engenharias, os de formação de tecnólogos e a música. Já a preferência feminina é para alguns cursos das áreas de ciências humanas e de artes, notando-se, também, o crescente aumento de mulheres em odontologia e medicina. (C.P.)

Vacina consolida programa antiaborto

Trabalho realizado no Caism supera índices registrados em países do Primeiro Mundo



Tsuyuko e Clair chegam para a consulta no Caism com os filhos nos braços: resultado positivo.

A funcionária pública Tsuyuko Furuta Freitas e a dona-de-casa Clair Maria Vieira Ferreira estão em estado de graça. Elas apresentam orgulhosas o que até há alguns meses não passava de um sonho: dois saudáveis bebês. Antes de gerarem a sansei Larissa e o garoto Yury, elas passaram por momentos de angústia e frustração provocados por uma série de abortos recorrentes. Submetidas a um

tratamento de imunização desenvolvido pelo obstetra Ricardo Barini, do Centro de Assistência Integral à Saúde da Mulher (Caism) da Unicamp, Tsuyuko e Clair integram um grupo de dez mulheres que acaba de deixar a maternidade com os filhos nos braços.

O programa antiaborto teve início na Unicamp há pouco mais de um ano. Das 75 mulheres que se candidataram — todas com histórico de pelo menos três abortos recorrentes, ou seja, perdas gestacionais sucessivas — somente 25, após uma bateria minuciosa de exames, foram selecionadas. Desse universo, dez mulheres “liberadas” para uma nova gravidez já estão com seus filhos em casa. Esse aproveitamento supera índices alcançados em países como Estados Unidos, Japão e algumas nações européias onde o nível de sucesso atinge a casa de 85%.

O procedimento é relativamente simples e não retém o casal no laboratório por mais de meio dia. Retira-se o sangue do marido e adiciona-se ao material uma substância denominada Ficol, submetendo em seguida ao processo de centrifugação que separa as células brancas das vermelhas. As células brancas são lavadas em soro fisiológico e aplicadas — através de procedimento intradérmico — na paciente. Durante o tratamento, a mulher recebe duas doses da vacina com espaço que varia entre quatro e seis semanas. Somente três meses após o tratamento é que o pesquisador sugere ao casal uma nova tentativa de gravidez.

Histórico — O corpo humano é dotado de um grupo de células (sistema imune) cuja função é iden-



Barini: imunização com linfócitos.

tificar os vírus e as bactérias que tentam agredir-lo. Esse controle se dá através de proteínas que funcionam como um código de reconhecimento para os linfócitos, os “patrulheiros” do organismo, também conhecidos como antígenos de compatibilidade tecidual dos linfócitos (HLA).

Segundo Barini, há alguns anos a ciência ainda não compreendia como o feto sobrevivia dentro do útero, uma vez que seu cor-

po é constituído por 50% de componentes teciduais de origem paterna (com HLA diferente) e fica em contato íntimo com a mãe, como um transplante temporário. Os imunologistas observaram que durante a gravidez a mãe desenvolve naturalmente uma proteção para a criança, já que os tecidos fetais informam a mulher que o corpo em desenvolvimento dentro do útero não é uma infecção ou um tumor que deva ser eliminado.

Esta informação é fornecida pelo HLA-G, uma proteína especial do bebê que faz a mulher produzir substâncias no sangue que

atuam como anticorpos bloqueadores que recobrem a placenta e protegem o feto de possíveis tentativas de interrupção da gravidez pelo sistema imune feminino. “Algumas mulheres não produzem os anticorpos, provocando então o aborto recorrente. São justamente essas as mulheres que se candidatam à participação no programa, diz Barini. Imunizada com os linfócitos do marido, a paciente começa a produzir anticorpos bloqueadores, que acabam oferecendo condições para tentativa de uma gravidez saudável.

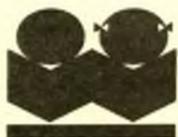
O aborto recorrente, que atinge aproximadamente um em cada 250 casais, foi sempre um grande desafio para a ciência. Somente na década passada, com a descoberta desse novo tratamento, é que a medicina começou a reverter o quadro. Em 1989, Barini fez estágio na Chicago Medical School onde assimilou a nova técnica trabalhando ao lado de Alan Beer, um dos pioneiros na investigação e no tratamento das causas imunológicas de infertilidade. (A.C.)

Duas histórias com final feliz

As histórias de Tsuyuko e Clair têm algumas semelhanças. Até o nascimento de Larissa, Tsuyuko passou pela experiência de duas inseminações artificiais e cinco abortos, dos quais somente em uma gravidez chegou ao quarto mês. Clair viu interrompida três gestações, todas no primeiro trimestre. É este, basicamente, o perfil que deve ter a paciente para que possa ser submetida a uma primeira avaliação que poderá, então, determinar a sua participação no programa antiaborto.

O tratamento coordenado por Ricardo Barini foi a última esperança dessas pacientes. Mães pela primeira vez aos 40 anos, ambas até então vislumbravam na adoção a única alternativa de uma experiência materna. Só não adotaram por resistência dos maridos. “Foi a sorte, caso contrário não teria hoje minha filha”, diz Tsuyuko enquanto amamenta Larissa. Apesar da idade avançada, ela garante que pretende engravidar novamente. Para que isso ocorra, deverá ser submetida novamente a uma bateria de exames para se certificar da necessidade ou não de retomar o tratamento.

O quadro apresentado pela outra mãe, Clair, foi mais complexo. Num determinado momento, durante a gravidez que gerou Yury, ela perdeu totalmente a esperança. Foi numa manhã, quando deu entrada no Caism com sangramento. “Foi apenas um grande susto”, respira aliviada, após repouso de uma semana. O tratamento antiaborto a que se submeteu foi o mais complexo dos dez já realizados com êxito por Barini. O sangue do marido não foi capaz de estimular o sistema imunológico da mulher, o que levou o especialista a se valer do sangue de um outro doador cujo HLA (antígeno de compatibilidade tecidual dos linfócitos) fosse diferente do existente no sangue do pai da criança. “O resultado está nos braços de Clair”, afirma satisfeito o obstetra. (A.C.)



liubliú

ESCOLAR

Gal. Nahas
B. Geraldo

- Literatura
- Didáticos
- Paradidáticos
- Auto-ajuda



FONE/FAX: (0192) 392000 e 391058

liubliú



UNIVERSITÁRIA

Tilli Center
Cid. Universitária

- Arte
- Técnicos
- Ciências
- Revistas importadas

Transplante de medula supera padrões de países avançados

Criado há um ano na Unicamp, o programa se consolida e ganha destaque nacional

O Programa de Transplante de Medula Óssea (TMO) da Unicamp acaba de completar um ano de atividades com um marco significativo: em 35 procedimentos realizados, obteve 84,5% de sucesso. Esse índice supera marcas alcançadas em grandes centros do Primeiro Mundo, onde cerca de 30% dos transplantes realizados resultam em óbito. Atualmente a Unicamp é o segundo maior centro de TMO do país, com capacidade de oito procedimentos por mês. Segundo o hematologista e coordenador do programa, Wellington Morais de Azevedo, esse resultado é fruto de trabalho qualificado desempenhado por uma equipe multidisciplinar que não mede esforços no sentido de proporcionar ao paciente atendimento compatível com os padrões internacionais.

Para o superintendente do Hospital das Clínicas (HC) da Unicamp, Luiz Jacintho da Silva, a criação do programa eleva a Universidade à condição de pólo multiplicador na área. "Trata-se de um setor de ponta que, além de gerar conhecimento passível de ser transferido a outros centros, constitui-se também em fator de qualificação do HC, uma vez que diferentes setores como nutrição, enfermagem e laboratórios tiveram que se adequar diante de procedimentos até então pouco conhecidos", diz.

Segundo Wellington, o programa de TMO da Unicamp se caracteriza por uma filosofia de trabalho que determina a busca de respostas para problemas até então de difícil solução. "Trabalhamos no limite do conhecimento, usando ferramentas que até há pouco tempo não estavam disponíveis", afirma. Longe de fazer programa puramente assistencial, o grupo do TMO da Universida-

de pauta-se pela pesquisa clínica, que além de produzir conhecimentos permite enfrentar novos desafios, como o transplante pelo método de aferese.

Dos 35 procedimentos — todos alogênicos, ou seja, com a participação de um doador e de um receptor —, nove foram realizados pelo método de aferese, que consiste no transplante de células-tronco que se encontram na circulação sanguínea do doador fazendo uso de uma máquina em que, entre outros procedimentos, faz a separação de plaquetas da medula. Essas células partem da medula, entram na circulação sanguínea e retornam à medula. Mediante a administração de aproximadamente cinco doses de medicamentos como G-CSF (fator estimulador de colônias de granulócitos) ou GM-CSF (fator estimulador de colônias de granulócitos e monócitos) no doador, as células-tronco têm sua concentração aumentada no sangue possibilitando a sua coleta e a realização do transplante.

No quinto dia o doador é submetido a uma única sessão de aferese, que dura de quatro a seis horas. "O sangue do doador sai por uma veia, circula pela máquina, onde são retirados os leucócitos que contêm a célula-tronco, e retorna por outra veia", explica Wellington. Através desse procedimento o doador é poupado da anestesia geral e não é submetido a uma cirurgia de grande porte, que implicaria em internação de dois dias e afastamento do trabalho por uma semana. Para o receptor, o procedimento cirúrgico e o trabalho de recuperação são semelhantes, independentemente do método adotado na coleta do material.

Fenômenos imunológicos — A utilização do método por aferese

se torna o receptor mais suscetível a fenômenos imunológicos como a GVHD (agressão ao receptor pela medula). Isso se dá porque a dose de leucócitos introduzida no receptor é maior e conseqüentemente também o número de linfócitos T, — as células que promovem a rejeição da medula ou agressão ao receptor. É por esse motivo que a equipe de TMO da Unicamp vem adotando o método por aferese somente em pacientes com estágio avançado de leucemia, cuja expectativa de vida não ultrapasse algumas semanas.

Hoje a Unicamp é o centro com maior experiência no mundo na realização desse trabalho. Nove pacientes foram submetidos ao procedimento e todos obtiveram sucesso. "O primeiro receptor, na ocasião com breve expectativa de vida, recebeu a medula há mais 270 dias e passa muito bem", avalia satisfeito o hematologista.

Atualmente o trabalho está em fase de obtenção e avaliação de dados. Segundo o hematologista, as respostas definitivas sobre a viabilidade, benefícios e problemas poderão ser obtidos após análise detalhada dessas informações. "Trata-se de um trabalho de ponta em pesquisa clínica e essa casuística é certamente a maior do mundo para o transplante alogênico com célula-tronco", diz. Wellington ressalta ainda que a técnica por aferese não é nova, tem já larga utilização em transplantes autólogos, quando doador e receptor são a mesma pessoa. A novidade é a utilização dessa técnica em transplante que envolve doador e receptor diferentes. Os resultados desse trabalho serão apresentados no 36º Encontro Nacional da Sociedade Americana de Hematologia, a ser realizado no período de 2 a 6 de dezembro deste ano, em Nashville, EUA. (A.C.)



Wellington Morais: enfrentar novos desafios.

Leucemia afeta um em cada 250 mil habitantes

Estatísticas do Ministério da Saúde mostram que a demanda nacional é de quatro transplantes de medula óssea por milhão de habitantes. Entre as doenças que indicam a necessidade de TMO está a leucemia mielóide crônica, que se caracteriza pela proliferação indiscriminada de células leucêmicas que se infiltram nos tecidos de órgãos como pulmão, coração, fígado e baço, provocando inchaço que leva o paciente a óbito.

Na maioria dos procedimentos que envolvem pacientes com leucemia mielóide crônica, o receptor, antes do transplante, recebe doses letais de quimioterapia com o propósito de erradicar a medula leucêmica, para então receber a medula que será retirada do doador.

Trata-se de um procedimento cirúrgico em que o doador é sub-

metido a anestesia geral, devendo permanecer internado no hospital durante dois dias. Após a retirada de uma fração da medula do doador — o material é extraído dos ossos da bacia com agulha através de punções — ela é injetada imediatamente na veia do receptor através de um catéter central que leva o material diretamente ao coração, de onde segue seu caminho alojando-se no interior dos ossos.

Com a nova medula, o paciente deve ficar isolado durante quatro semanas recebendo altas doses de antibióticos para o tratamento de infecções frequentes no período pós-transplante. O procedimento completo, estimado em R\$ 30 mil, é custeado pelo Sistema Único de Saúde (SUS), eximindo o paciente de ônus relacionados diretamente ao transplante. (A.C.)

Yázigi
International

Faça de sua carreira um sucesso!

O Yázigi oferece programas especialmente preparados para todos que desejam investir em sua carreira profissional.

Níveis: Básico - Intermediário - Avançado - Pós-Avançado

Idiomas: Inglês, Francês e Alemão

É o Yázigi contribuindo para a formação do cidadão do mundo.

Centro: Av. Anchieta, 43
Fones: 33-7520 / 36-6969

Castelo: Av. Andrade Neves, 2188
Fones: 43-7961 / 42-0997

CONVÊNIO JUNTO A UNICAMP - 20% DE DESCONTO

Entrevista: Lídia Goldenstein

Quem vai pagar a conta?

Jornal da Unicamp — O que a motivou a repensar a teoria da dependência?

Lídia Goldenstein — Antes de mais nada, uma profunda insatisfação nos termos em que o debate econômico vem sendo levado no Brasil. No final da década de 60 e no início da década de 70 existia uma grande euforia em relação à situação da economia brasileira. Lembra-se de que o slogan do governo era "ninguém segura esse país". Naquele momento criou-se uma ilusão de autonomia, de que ninguém segurava esse país porque a economia já era industrializada e integrada a uma sociedade urbana de massas. Acreditou-se que, a partir deste quadro, nossos problemas seriam os típicos de qualquer economia capitalista avançada. As questões típicas de países periféricos dependentes foram completamente abandonadas. Em fins da década de 70, quando começa um período de maior dificuldade para a economia brasileira, e especialmente na década de 80, a partir da crise da dívida externa, o debate entra numa limitação muito grande, fica girando em torno da conjuntura da inflação. O debate brasileiro transformou-se no debate do *overnight*, do dia-a-dia.

JU — Mas a questão inflacionária já não era um ponto nevrálgico e influenciador dos grandes problemas nacionais?

Lídia — Na verdade, a inflação é a expressão de uma crise mais profunda, mais estrutural e não-conjuntural. Temos ficado ainda hoje, apesar disso estar mudando, num debate a respeito dos pacotes econômicos. Toda a discussão era identificar se o pacote foi mais heterodoxo ou menos heterodoxo, se a taxa de juros deveria ser um pouco mais alta ou mais baixa. Em geral discute-se basicamente as questões técnicas.

JU — E a renegociação da dívida externa? É decisiva?

Lídia — É decisiva. Entretanto, a forma como estava sendo discutida não levava a uma compreensão do quanto era na verdade a apreensão de toda uma relação do país com o capitalismo internacional que havia sofrido um processo de mudança muito grande. De um lado, a oposição se colocava absolutamente contra qualquer negociação e a favor da moratória. De outro, os economistas mais conservadores propunham uma renegociação nos termos e nos moldes pautados pelo Fundo Monetário Internacional e pelo Banco Mundial. Ambas as posições não davam conta do significado verdadeiro da dívida externa. Durante décadas o país teve condições de crescer por conta de uma especial inserção no capitalismo internacional. Tivemos um movimento no pós-guerra de crescimento muito grande a nível internacional. Uma dinâmica favorável aos países periféricos nas décadas de 50 e 60; expansão das empresas multinacionais através de investimento direto para vários países da periferia.

JU — O problema é que nos últimos anos assistimos a uma mudança de rumo desse capital internacional.

Lídia — Exatamente. Já no final da década de 70 não conseguimos mais esse capital. Continuamos aproveitando a dinâmica do capital internacional, porém não mais através de investimentos diretos, mas de créditos de bancos internacionais, do sistema financeiro internacional. A partir de 82, com a crise do México e a profunda crise do sistema financeiro internacional, a dinâmica do capitalismo passa a sofrer uma reviravolta profundíssima. Estamos agora vivendo uma terceira revolução industrial com profundas transformações tecnológicas e produtivas que estão mudando a face e a dinâmica do mundo.

JU — Os dirigentes brasileiros não perceberam a tempo essas mudanças?

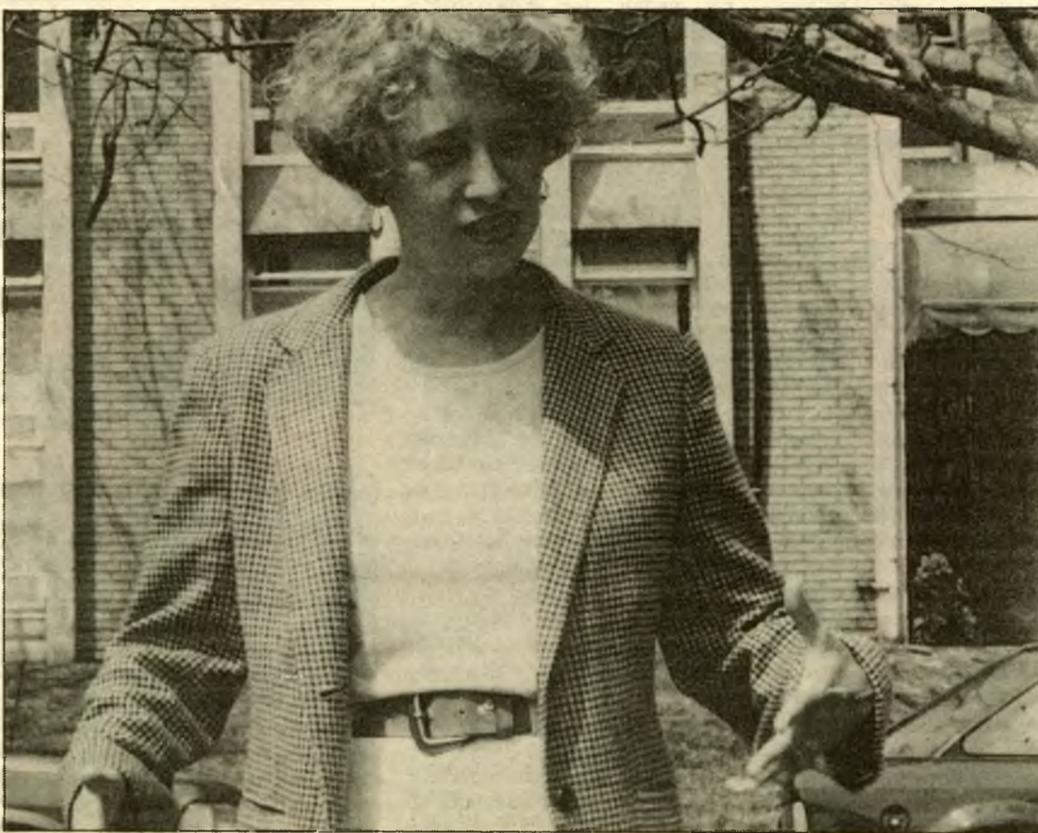
Lídia — Acho que não. De um lado não perceberam e de outro, não conseguiram promover as transformações internas necessárias, o que não é tarefa nem decisão de um bom economista ou de um bom político isoladamente. É tarefa de toda uma so-

Uma análise acurada da teoria da dependência é o tema da tese de doutorado da economista Lídia Goldenstein, defendida recentemente no Instituto de Economia da Unicamp sob a orientação do professor João Manoel Cardoso de Mello. Em seu trabalho, Lídia, que é professora do instituto e pesquisadora

do Cebrap-SP, busca retomar velhos temas que pautaram a discussão da economia brasileira nos anos 50 e 60. Segundo a autora, o debate desses temas é fundamental para se entender a crise atual.

Para a economista, a grande questão que se coloca hoje para os países periféricos dependentes é saber

“qual a melhor estratégia para se preservar o dinamismo e garantir a continuidade do desenvolvimento nacional com democracia social”. Lídia analisa também para o Jornal da Unicamp outras questões referentes à economia brasileira e revela seu pessimismo quanto às soluções mágicas e de curto prazo.



Lídia: “Não tenho nenhuma receita de bolo. Não há”.

ciedade. Temos uma estruturação da economia brasileira e um padrão de financiamento montado em 1930. Por mais que se tenha um bom economista de plantão, não se muda isso por decreto-lei. É uma decisão política. Uma questão dos vínculos intracapitais internos, dos vínculos intraclasses sociais, dos vínculos intraclasses nacionais e internacionais, da configuração do estado brasileiro, ou seja, é algo que exige transformações estruturais grandes.

“A inflação é a expressão de uma crise mais profunda, mais estrutural e não-conjuntural”

JU — É necessário, então, remodelar todo o Estado?

Lídia — Sim, mas isso também não se faz por decreto-lei. Temos de reconstruir condições diferentes em nossa sociedade. O que está falindo agora é exatamente o padrão de financiamento montado na década de 30. Esse padrão nada mais é do que uma estruturação do capitalismo brasileiro. E é isso que está em jogo.

JU — Investir em C&T é fundamental para o desenvolvimento brasileiro?

Lídia — Sem dúvida alguma as transformações que ocorreram a nível da dinâmica do capitalismo internacional levaram a uma profunda alteração produtiva e tecnológica. O que significa isso? Significa que as vantagens que o Brasil tinha para atrair o capital estrangeiro, mão-de-obra barata e relativamente desorganizada, deixaram de ser vantagem. Principalmente, com a informática, precisamos de uma mão-de-obra mais qualificada e isso não temos para oferecer.

JU — Essa seria uma das causas do desvio do capital internacional para outros países?

Lídia — Sim. Não temos condições de atrair capital dada a nova di-

nâmica produtiva e tecnológica internacional. Essa é uma das questões fundamentais para o Brasil de hoje. Agora, como se resolve isso? Antes de mais nada, com a distribuição de renda. Não adianta dar escola se o cidadão não tem o que comer, se não tem condições básicas em casa. As coisas vêm juntas. Como fazer isso? Certamente não é com um pacote econômico nem com decreto-lei.

JU — Que caminhos você apontaria para a retomada do desenvolvimento?

Lídia — Minha tese é teórica. Estou exatamente tentando fugir da colocação dos meus pares que ficam procurando dar soluções mágicas o tempo todo. Não tenho nenhuma receita de bolo. O que faço é uma análise crítica dos problemas brasileiros. Tento entender porque as medidas adotadas não funcionaram. Acho que as questões estruturais vêm sendo discutidas num nível de superficialidade muito grande. O problema é muito mais complexo. Tem a ver com a dinâmica do capitalismo brasileiro, com a inserção da economia brasileira no capitalismo internacional. Tínhamos, no passado, uma determinada relação com o capitalismo internacional. Na medida em que esse capitalismo mudou, a relação que tínhamos, e que permitia um grau de crescimento e de sustentação da economia brasileira, também deixou de existir. Agora, ou conseguimos de alguma forma fazer uma reestruturação e criar algum projeto político novo, ou o Brasil corre o risco de perder o bonde da história. Esse é um risco concreto. Não é uma ilusão nem uma figura de retórica.

JU — Como modificar o estado de letargia na economia brasileira?

Lídia — O grande perigo é que temos alguns bolsões que continuam crescendo e o resto do país permanece miserável e cada vez com maiores dificuldades. Conseguir alterar essa dinâmica para possibilitar que a sociedade como um todo progrida junto, esse é o “x” da questão.

JU — Nesse processo de reformulação da economia mundial e sua interdependência com seus países vizinhos, não caberia ao Brasil e aos chamados países periféricos se unirem em novos blocos para contornarem a crise?

Lídia — Acho isso fundamental. O Brasil precisa criar alianças com novos parceiros porque a economia mundial é cada vez mais globalizada e internacionalizada. A fantasia da autonomia, de economias fechadas, está se mostrando cada vez mais irreal. Até mesmo os países que foram extremamente fechados como a China estão abrindo suas economias. Essa é a única maneira de garantir um crescimento sustentado e que seja mais homogêneo para a população como um todo.

“A fantasia da autonomia, de economia fechada, está se mostrando cada vez mais irreal”

JU — Para os países que ainda não dominam totalmente as tecnologias estratégicas, a abertura de mercado não representaria mais prejuízos do que vantagens?

Lídia — É cada vez mais clara a necessidade de se fazer alianças e pactos. Não se consegue acompanhar sozinho, com a velocidade e a intensidade necessárias, as transformações tecnológicas que estão ocorrendo no mundo inteiro. A idéia de que é possível primeiro desenvolver sozinho e depois abrir mercado é uma tese que se revelou falsa. Ou se fazem alianças, algum tipo de integração, ou jamais se alcança o nível de competição internacional. Agora, entre fazer alianças e abrir totalmente o mercado há uma grande distância.

JU — A competição no mercado interno seria um primeiro teste para a competição internacional?

Lídia — Sem dúvida. Qual é a receita do bolo? Qual é a medida justa para abrir sem quebrar todo mundo

aqui? Qual é o equilíbrio possível? Não existe uma receita. Esse é um dos pontos fundamentais que está faltando ao Brasil: uma política industrial que permita ter algum tipo de acompanhamento desse processo de desenvolvimento tecnológico e industrial.

JU — Precisariamos então de um diagnóstico preciso das diferentes fases em que se encontra a indústria nacional?

Lídia — Infelizmente não temos ainda um diagnóstico completo do estado das artes da economia brasileira. Começamos a fazer isso agora e muito tardiamente. Temos algumas pesquisas em andamento, mas estamos apenas no início. A falta de um diagnóstico dificulta a elaboração de uma política científica, tecnológica e industrial articulada para o país.

JU — Sua visão parece pessimista?

Lídia — Infelizmente sou pessimista. Muita água ainda vai rolar. As dificuldades ainda permanecerão. Não dá para ter ilusões. Ainda falta muito para segurarmos esse processo inflacionário. Ele é apenas a ponta do iceberg. Temos ainda questões não mexidas. O próprio déficit público não está resolvido e ele, como a inflação, representa a expressão de uma estrutura, de um padrão de financiamento dessa economia que se esgotou e nós ainda não temos outro no lugar. Enquanto isso não for feito, enquanto as velhas contas não forem pagas, não temos condições de retomar o desenvolvimento. A grande questão que está em jogo é saber quem vai pagar a conta. Isso ainda não foi resolvido.

JU — Na sua opinião, quem vai pagar a conta?

Lídia — Nós já estamos pagando a conta o tempo todo. Nós, a classe trabalhadora, os professores, os assalariados. Só que temos agora uma conta maior que não dá mais para pagar apenas com esses grupos sociais. Se quisermos de fato retomar o crescimento da economia, temos de reorganizar as condições de financiamento dessa economia. Isso passa necessariamente pela reorganização do Estado, que tem um passivo muito grande. No fundo temos uma briga intracapitais. Saber os setores que vão quebrar, os que vão resistir e os que vão liderar a dinâmica do capitalismo daqui para a frente.

JU — As perspectivas de retomada de crescimento a curto prazo são remotas?

Lídia — Podemos ter bolhas espasmódicas de crescimento mas isso é até perigoso do ponto de vista da inflação. Enquanto não se tiver uma retomada para valer no investimento, não se estará criando condições para a economia de alguma forma se plugar na nova dinâmica internacional. Uma coisa é você fazer uma reordenação, uma nova inserção internacional, outra coisa é ter bolhas espasmódicas de crescimento que inclusive, repito, são muito perigosas porque podem levar a uma hiperinflação.

JU — O fato do Brasil ser um país com dimensões continentais dificulta o equacionamento dos problemas? As questões devem ser tratadas regionalmente?

Lídia — Isso é algo que precisa ser discutido, embora seja muito difícil porque a auto-imagem brasileira sempre foi a de que somos uma nação muito unida. Acho, porém, que não é à toa que começam a emergir movimentos separatistas até fascistoides. A dimensão continental do Brasil é um grande problema.

JU — O debate direcionado apenas para a questão inflacionária, seria um equívoco do ponto de vista de estratégia política e econômica?

Lídia — Existe a ilusão de que através de pacotes bem feitinhos, elaborados por bons economistas, resolveremos os problemas. Não é por aí. Precisamos resolver a questão inflacionária, é claro, até mesmo porque é insuportável viver nesse país com os níveis de inflação que tínhamos até recentemente. Agora, para resolver definitivamente o problema, ainda há muito a ser feito. (G.C.)

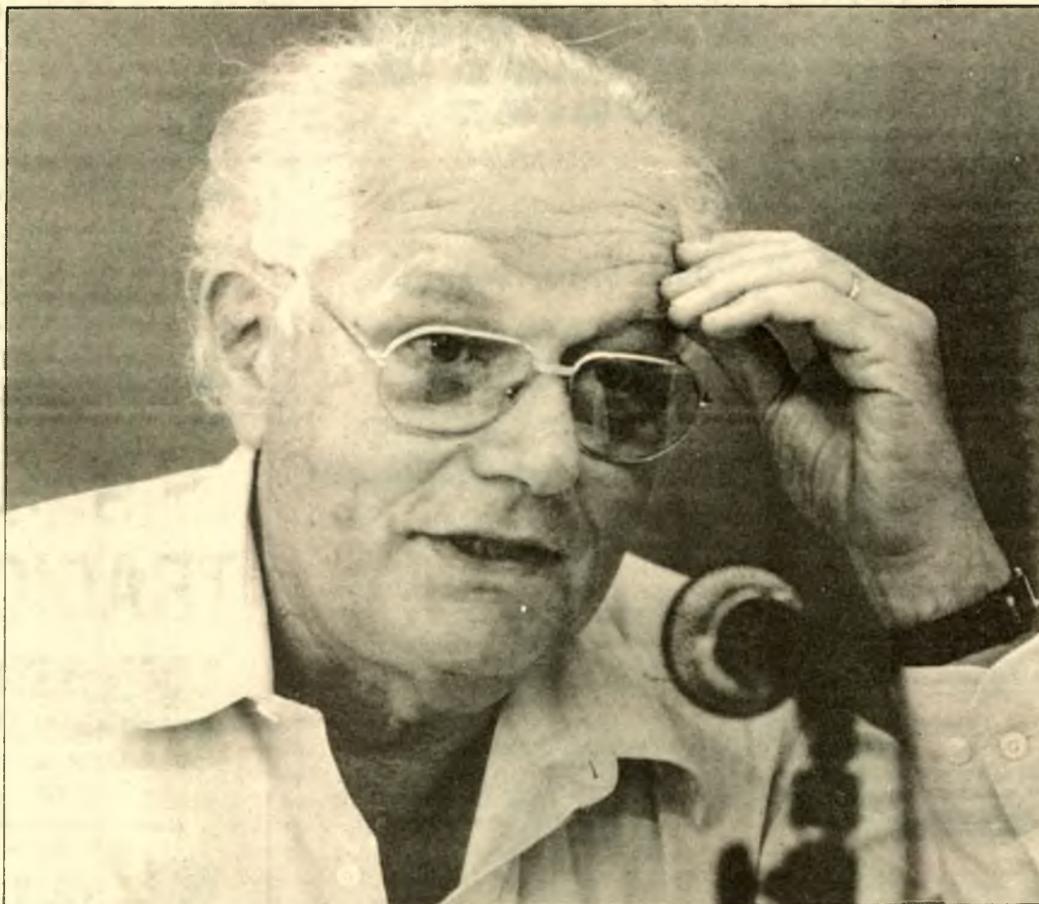
Sachs dá a receita para o Brasil

Sociólogo polonês afirma que país precisa retomar planejamento

O desemprego e o subemprego afetam hoje 30% da mão-de-obra mundial. São 820 milhões de pessoas que buscam uma oportunidade no mercado de trabalho. Dentro de duas décadas o desemprego mundial deverá avançar ainda mais, atingindo cerca de um bilhão de pessoas. A constatação é do sociólogo polonês Ignacy Sachs, que há 40 anos estuda a questão do desenvolvimento. Sachs condena o modelo econômico brasileiro, que se estrutura, segundo ele, no crescimento da produtividade sem a preocupação devida com a geração de novos empregos. Disse que o país precisa criar alternativas para integrar os 100 milhões de brasileiros que estão marginalizados do mercado e que a finalidade do desenvolvimento deve ser "social e baseada no princípio da solidariedade ética".

"Que modernidade para o Brasil? Emprego rural e desenvolvimento". Foi esse o título da palestra que ele proferiu no auditório da Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri) da Unicamp, no dia 1º de setembro último. Na opinião de Sachs — que integra atualmente o corpo docente do Centro das Pesquisas sobre o Brasil Contemporâneo da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris/França — o Brasil perdeu a capacidade de se planejar e falta um projeto nacional para definir os rumos de seu desenvolvimento. "Os problemas devem ser mapeados para serem discutidos adequadamente", afirmou.

Defensor do desenvolvimento sustentável vinculado à preservação do meio ambiente, o sociólogo polonês, estudioso da realidade brasileira há muitos anos, não acredita em crescimento sem a participação de um Estado forte, "não no sentido autoritário, mas de competência para dar conta da reorganização da economia". Sachs explicou que não é contra a competitividade nem contra a indústria. O problema, segundo ele, é saber como administrar o desenvolvimento num país de dimensões continentais como o Brasil. Acredita que o princípio da racionalidade e da eficiência econômica deve levar sempre em consideração os custos sociais e ecológicos.



Sachs: O país precisa criar alternativas para 100 milhões de marginalizados.

Economia mista — Para o sociólogo, a questão não está a nível do bem ou do mal, mas no funcionamento da instituição e na regulação da economia para o setor público e privado, tema que considera ainda pouco debatido. Segundo ele, a utopia neoliberal não existe em sua forma pura. Embora o país viva uma economia mista, na qual é impossível esquecer-se do papel do Estado, é preciso também reconhecer a necessidade de se enxugar o aparelho estatal. Sachs disse que o problema não é escolher entre o Estado e a empresa privada, mas sim encontrar a melhor forma de articulação entre o público e o privado e, sobretudo, introduzir novas parcerias com o que se chama hoje de terceiro setor da economia: as ONGs, cooperativas, empresas comunitárias, entre outras.

"Temos que aprender a regular a economia para participar da luta pelas fatias do mercado mundial", disse Sachs. Ele acha, no entanto, que o Brasil já atingiu um patamar importante no setor de exportação. Por essa razão, lembrou a posição do economista Celso Furtado, que subscreve inteiramente, de que "o mercado interno não é uma pecha, mas uma dívida dos céus". Isso não signi-

fica esquecer o mercado externo, mas estabelecer uma relação produtiva entre os dois. Segundo ele, a questão fundamental é saber se é possível assegurar um desenvolvimento duradouro a um país como o Brasil sem dar a devida importância ao mercado interno.

Criticou em seguida o que denominou da "megaciranda financeira" mundial, de caráter especulativo, que movimenta recursos superiores à necessidade do mercado interno. "Essa megaciranda financeira, que movimenta US\$ 1 trilhão em todo o mundo, suga os recursos que deveriam ser dirigidos a investimentos produtivos". Disse também que as relações Norte-Sul continuam sendo mal articuladas e sempre em benefício do Norte.

Ao discutir a correlação entre o PIB (Produto Interno Bruto) e a taxa de câmbio, disse que as taxas de crescimento não devem se dar à custa de mais desemprego. "Os problemas que temos hoje são resultados de distorções estruturais do modelo anterior, que aparecem agora com toda a violência". Não é por acaso, na sua opinião, que os dirigentes de vários países se reuniram em Copenhague, Canadá, em março de 1995, para discutir as questões mais cruciais para a humanidade

hoje: a luta contra a pobreza, a geração de empregos e a integração social dos excluídos.

Considera importante a discussão em torno da renda mínima, defendida pelo senador Eduardo Suplicy (PT-SP), e os programas assistenciais como os de combate à fome do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho. Acha, no entanto que, embora necessários, esses incentivos são paliativos, devido à gravidade da situação em que vivemos. Por si só não resolverão o problema central que é o da exclusão social. Para Sachs, os problemas sociais devem ser atacados na sua raiz, que é a questão do desemprego.

Alternativas — O enfrentamento da questão do desemprego no Brasil é possível, desde que observadas as alternativas do país, acredita Sachs. Uma das formas é aproveitar o progresso propiciado pela "segunda revolução verde", reabilitando a pequena propriedade agrícola rural. Entretanto, para que isso ocorra, acha indispensável a execução de um conjunto de políticas públicas de ação sobre a terra, na geração de conhecimentos necessários de extensão rural, de crédito e de garantia de mercado.

Na opinião do sociólogo, a reabilitação das pequenas propriedades agrícolas pode ser feita no mundo inteiro se soubermos utilizar bem as últimas gerações de tecnologias. Acredita também que "o Brasil tem condições excepcionais para partir para o uso energético industrial de biomassa, que geraria também empregos rurais tanto agrícolas e florestais como de agroindústria".

Sachs afirmou ainda que o Brasil está desperdiçando muitos de seus recursos naturais, sendo urgente uma política nacional para redução dessas perdas. Isso pode ser feito através de processos de reciclagem e de conservação da energia, da água e pela manutenção da infra-estrutura, dos equipamentos do parque viário e do mobiliário existente.

A retomada das obras públicas, de uma forma racional, é outra possibilidade de se recuperar o nível de empregos, de acordo com o sociólogo. "Creio que vale a pena salientar o fato de que com um nível baixo de salários médios, os custos de produção de serviços sociais e educacionais no Brasil deveriam ser sempre baixos para que se privilegiassem as formas de produção desses serviços. Portanto, uma pequena modificação na alocação de recursos para o setor social poderia gerar um grande número de empregos", pondera.

O acesso à terra é outro dos problemas centrais para o desenvolvimento rural no Brasil, apontado por Sachs. Disse, porém, que não se deve mais falar de "reforma agrária, mas sim de um conjunto de reformas que levem em conta as situações específicas prevalentes em várias partes desse continente chamado Brasil". Para Sachs, são várias as formas modernas de acesso à terra: comodatado, arrendamentos submetidos ao controle social de maneira a proteger o arrendatário contra os abusos possíveis do proprietário e várias outras fórmulas que podem e devem ser exploradas.

Sachs discutiu também o acesso à ciência e à tecnologia para os países do Sul, que se complicam, segundo ele, com os avanços da rodada do Uruguai. "Eu penso a uma geração que há 20 anos discutia a ciência e a tecnologia como parte do patrimônio comum da humanidade. Hoje, no entanto, C&T transformou-se num produto comercial protegido por uma forte muralha de patentes e que só se obtém pagando um preço forte no mercado do vendedor e não no do comprador", criticou. (G.C.)

PARA ALUNOS
DA 8ª SÉRIE

DESAFIO

OBJETIVO

PRÊMIOS: BOLSAS DE ESTUDO
PARA O 2º GRAU

INSCRIÇÕES EM TODAS AS UNIDADES DO OBJETIVO

PROVAS

- Pré-Requisito: Estar cursando a 8ª série
- Prova de Matemática: 10 Testes de múltipla escolha
- Prova de Português: 10 questões sobre interpretações de texto
- Tempo de Prova: 2 Horas
- Data: 05/11/94 // Horário: 14 Horas
- Local: COLÉGIO OBJETIVO DE CAMPINAS
 - Unidade I - R. Cap. Francisco de Paula, 333
F: 51-6922
 - Unidade II - R. João Pedroso, 265
F: 39-5822

OBJETIVO

PROGRAMA DE MATEMÁTICA

1. Operação com radicais
2. Equações de 1º e 2º graus com uma variável
3. Equações redutíveis a uma equação de 1º e 2º graus
4. Semelhança entre figuras planas
5. Teorema de Tales e Aplicações
6. Verificação experimental e demonstração dos casos de semelhança de triângulos
7. Relações métricas no triângulo retângulo
8. Pitágoras
9. Relações métricas nos Polígonos regulares
10. Cálculo do lado e do apótema de um polígono inscrito numa circunferência



Escola Infantil INTEGRAÇÃO

Desconto na Matrícula

Venha nos conhecer!
Crianças de 0 a 12 anos

Funcionamento das 7:00 às 19:00 hs.

Av. Romeu Tórtima, 740
FONES: 39-3731 - 39-0418

MATERNA, JARDIM E PRÉ  **ESCOLA INFANTIL PRÉ-ALFABETIZANTE**

Tempo Melhor
Lugar onde a criança fica feliz

MÉTODO PIAGETIANO E EQUIPE ESPECIALIZADA, ONDE A CRIANÇA APRENDE BRICANDO

- Manhã
- Tarde
- Integral
- Amor
- Carinho
- Atenção

RESERVE SUA MATRÍCULA PARA R\$ 95
(Convênio com a Unicamp)

R. Aristodemo Barbieri, 30 - F. 395707/Barão Geraldo
(Travessa estrada Rhodia - Próximo ao Tili Center)

Salsichic
O Bar mais animado de Barão

CONVOCA

Lançamento do bloco de Barão com Trio Elétrico

Dia: 15/10 - Sábado

Os inscritos terão direito a uma camiseta e

1500 lts. de Chopp

Inscrições: 39-0288

R. Maria Ferreira Antunes, 133



TUDO PARA SEU CHURRASCO
PROMOÇÃO DE ANIVERSÁRIO EM BARÃO

10% DE DESC.

Promoção válida p/ o mês de outubro / 94
(ao lado da Salsichic)



O Primeiro **PET SHOP** de B. Geraldo

Rações - casinhas - Roupas em Soft
Caixa de Transporte - Coleiras e Guias
Filhotes - Artigos Nacionais e Importados
Breve - BANHO e TOSA

de 2ª à 6ª das 9:00 às 20:00 hs.
Sábado das 9:00 às 18:00 hs.
Domingo das 9:00 às 14:00 hs.

ESTACIONAMENTO PRÓPRIO
Av. Albino José B. de Oliveira, 998 - B. Geraldo - Campinas
F: 39-0310

SAIA DO TRADICIONAL.

APRENDA IDIOMAS SEM LIVROS, PROVAS, FRUSTRAÇÕES, ETC...

ATRAVÉS DA INTERAÇÃO E VIVÊNCIA ENTRE AS PESSOAS

Alemão - Espanhol - Francês - Inglês - Italiano
Japonês - Português p/ estrangeiros



A HOLOPRAXIS
FORMAÇÃO E VIVÊNCIAS EM IDIOMAS

Av. dos Esportes, 381 - Jd. Piraçanga - Campinas

FONE: 54-1343

BALI TUR

- Passagens Aéreas Internacionais e Nacionais
- Pacotes Turísticos Nacionais e Internacionais
- Passagens Rodoviárias
- Serviços para Congressos e Eventos
- Passagens Internacionais com Financiamento em 12x
- **Compre com seu Cartão de Crédito**

OBS: Os preços e condições acima poderão ser alterados pelas Companhias e Operadores

BALI TUR - VIAGENS E TURISMO - R. Horácio Leonardi, 92 Loja 9 - Galeria Nahas
F:(0192) 39.1504 - Barão Geraldo - Campinas - SP

PORTO SEGURO

R\$ 390,00

Voando TAM

Consulte outros roteiros e preços



HALLOWEEN 94

DIA 28/10 ÀS 19:00 H

*Venha participar dessa noite com a gente.
Vai ser de arrepiar!!!*

FISK®

Cambuí - F: 52-2001 English Castelo - F: 42-0797

Salsinha e Cebolinha

NOVA DIREÇÃO

Restaurante Grill

Carnes

Picanha Fresca
Picanha Maturada
Filé Mignon

Peixes

Pintado
Truta
Anchova

Pratos Rápidos - Comida Caseira



HAPPY HOUR
Todas as 3ªs e 6ªs feiras
das 17:00 às 19:00 horas
TOME 2 CHOPP, PAGUE 1

Desconto especial de 5%, nas refeições,
para Professores, Alunos e Funcionários da
UNICAMP.

R. Cecília Feres Zogbi, 20 - A Barão Geraldo - FONE: 39-3750

Burocratas de elite têm seu papel analisado

Segundo cientista social, país conta com alta burocracia séria e competente

O período que vai de 1983 a 1987, partilhado pelos governos Figueiredo e Sarney, foi marcado não apenas pela abertura democrática mas também pelo primado da alta burocracia. Na época, um grupo de burocratas lutou para reorganizar as finanças públicas sem atender diretamente a interesses ou pressões de empresários, trabalhadores ou políticos. É o que defende a cientista social Gilda Figueiredo Portugal Gouvêa, em sua tese de doutoramento intitulada "Burocracia e elites burocráticas no Brasil: poder e lógica de ação".

Nesse trabalho, recentemente apresentado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, a cientista social se propôs a desfazer alguns equívocos que cercam a burocracia pública da área econômica, mais precisamente aquela ligada à definição dos padrões institucionais que regulam os gastos públicos. A escolha, afirma Gilda, não foi casual e deveu-se a dois fatores.

O primeiro, deve-se ao fato de que, nesse período, ela atuou junto a diversos órgãos governamentais. Sua atenção foi atraída pela aparente confusão que reinava na definição do que gastar, onde e como, e de que forma controlar os gastos. O segundo fator foi de ordem prática. Entre maio de 1987 e abril de 1988, período em que aprofundou sua experiência da questão, ela teve a oportunidade de reunir um conjunto de informações a respeito e conhecer pessoas que lhe deram acesso inclusive a arquivos pessoais de funcionários públicos. Na época ela era chefe de gabinete do Ministério da Fazenda em São Paulo.

Burocratas de carreira — Gilda examinou a questão da burocracia fazendária desde as décadas de 50 e 60 e no período pós-64, tendo escolhido um segmento que ela considera "a elite". Trata-se de um grupo de indivíduos que ocuparam funções nas altas escalas de prestígio e sempre tiveram sua vida profissional ligada à administração pública, pertencendo a seus quadros de carreira. Nos anos 50 e 60, explica a cientista social, os burocratas já exerciam um papel importante nos desenhos institucionais do Estado, formulando as propostas de mudanças e de criações de órgãos, como o Banco Central.

No primeiro momento analisado as ações transformadoras estiveram nas mãos de Otávio Gouveia de Bulhões (ministro da Fazenda no governo Castello Branco), Casemiro Ribeiro (funcionário do Banco do Brasil, foi diretor da Superintendência da Moeda e do Crédito, órgão que antecedeu o Banco Central), Cleanto de Paiva Leite (chegou ao cargo de diretor do Banco Nacional de Desenvol-

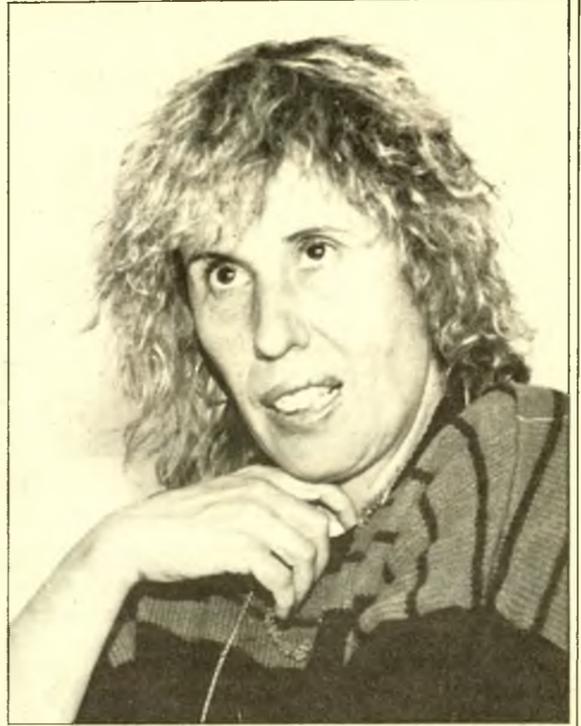
vimento Econômico), Dênio Nogueira (primeiro presidente do Banco Central), Celso Furtado (ex-superintendente da Sudene e ex-ministro do Planejamento), Jesus Soares Pereira e Rômulo de Almeida, que participaram da assessoria econômica do governo Vargas.

No segundo período, pós-64, os burocratas de carreira mais conhecidos que constam no trabalho da cientista social são Francisco Dornelles (ex-ministro da Fazenda), João Batista de Abreu (ex-ministro do Planejamento), Maílson Ferreira da Nóbrega (também ex-ministro da Fazenda), Osires de Azevedo Lopes Filho (ex-secretário da Receita Federal) e Paulo César Ximenes (ex-presidente do Banco Central). Referente a esse período, Gilda entrevistou 20 dos 106 membros da Comissão para o Reordenamento das Finanças Públicas, criada em 1984 e da qual só participaram burocratas de carreira.

Geração insubstituível — De acordo com Gilda, os burocratas de carreira estão presentes nas várias instituições das diferentes áreas do governo, trabalhando em setores onde existe um quadro permanente e estável de funcionários. A pesquisa na área financeira, por exemplo, mostrou para a cientista social que eles se caracterizam como "pessoas de pequenas articulações políticas extra-governo, porém com grande capacidade para formular propostas e refletir sobre a rotina, sugerindo sempre mudanças, ao contrário do que se pensa comumente".

Afinal, diz Gilda, "eles têm na memória as informações até de onde vêm as pressões. São representantes de uma burocracia séria, inovadora. Ao se aposentar, essa geração não será substituída por outra de igual valor", afirma a cientista social. Perante a opinião pública, no entanto, trata-se de um grupo não prestigiado ou valorizado pelo país, em decorrência de um conceito viciado sobre o que é o aparelho de Estado, lamenta a autora do trabalho, lembrando que "a administração pública não é feita sem pessoas competentes".

Há outros pontos em comum entre os burocratas de carreira da área financeira no período estudado, como constatou Gilda. Todos frequentaram cursos superiores em Brasília, onde sempre moraram, e ingressaram no serviço público através de concursos do Banco do Brasil, do Banco Central ou do Ministério da Fazenda. É uma geração que estruturou o seu currículo no serviço público, subiu rapidamente na carreira e cujo principal papel tem sido, dentre outros, atuar nos desenhos das instituições, com propostas que garantam exclusivamente o que entendem por interesse público.



Gilda: desfazendo equívocos sobre burocracia.

Controle do Estado — O importante para a elite do pós-64 era fazer com que as contas públicas fossem transparentes, de forma a que todos entendessem como se gastava o dinheiro público e como era feito o controle dos gastos. Aqueles burocratas, complementa Gilda, foram os primeiros a dar atenção para a precariedade institucional em que vivia o país. Quando as oposições assumiram o governo, foram eles que apresentaram as idéias básicas para a elaboração das medidas econômicas e, com a vontade política de mudar, deram início à reforma do Estado.

Antes de se criar os instrumentos de controle, o burocrata responsável pela conta do café sabia apenas de sua conta. O encarregado da conta do açúcar sabia tudo a respeito somente da conta de açúcar. Não havia consolidação sobre como se estava gastando, relata a cientista social. Os dois grupos estudados pela cientista social sempre defenderam o que entendem por interesse público, ou seja, que a sociedade é quem deve controlar o Estado, através de informações suficientes para exercer esse controle. "O caminho para isso — ressalta — é o Congresso, de quem eles desconfiam".

Nesse trabalho Gilda constatou que ao proporem as mudanças no desenho institucional das finanças públicas, os burocratas não estavam dando um voto de confiança aos políticos. Pelo contrário: estavam propondo que a vigilância que exerciam sobre o executivo como funcionários e portanto guardiões do interesse público fosse transferida para a sociedade e que essa, através da transparência das contas públicas, pudesse controlar os políticos. (C.P.)

Educação física atenua sintomas de HIV

Estudo da Faculdade de Educação é resultado de trabalho desenvolvido com 17 pessoas infectadas com o vírus da Aids

Poucas são as instituições que desenvolvem atividades físicas dirigidas a portadores do vírus HIV, causador da Aids. Também raros são os profissionais preocupados em alterar esse quadro, mesmo sabendo se tratar de uma doença que decreta a morte civil do indivíduo, no instante em que ele a descobre. Uma experiência realizada entre 1987 e 1990, no entanto, fugiu à regra e fez emergir uma lição de vida principalmente para os educadores. Através de seu trabalho de doutoramento, a docente Silvana Venâncio, da Faculdade de Educação Física (FEF) da Unicamp, evidenciou o quanto a educação física é capaz de melhorar a qualidade de vida dos portadores do HIV. Numa tentativa de atenuar o próprio estado, 17 indivíduos participaram dessa vivência.

Assistidos pelos especialistas do Centro de Controle e Investigação Imunológica Dr. A. C. Corsini, os 17 pacientes se encontravam diante da solidão e dos limites impostos pela doença, quando decidiram buscar a educação física. "Eu quero viver, me abrir para o mundo. Quero gostar do meu corpo novamente", justificavam para Silvana. A experiência dela com atividades de consciência corporal, enfocando a educação dos sentidos, veio de encontro com a expectativa do grupo. Duas vezes por semana, nas aulas de uma hora e meia, eles participavam de diferentes modalidades esportivas. "O mais importante, porém, era a socialização através de jogos, que dão a dimensão das atividades cotidianas".

Intitulado "Educação física para portadores do HIV", o doutoramento de Silvana, há pouco tempo apresentado, foi realizado junto ao Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação (FE) da Unicamp, sob a orientação da professora Maria Inês Fini. A intenção do trabalho não era fazer repetições mecânicas dos movimentos, mas tornar perceptível à sensação o que havia de desarmônico nas atitudes e movimentos executados, involuntária e habitualmente. "Era a experiência sensorial do corpo que eu buscava, pela reeducação corporal obtida através de um trabalho consciente sobre como se faz o movimento", detalha Silvana.



Silvana: experiência sensorial do corpo enquanto modo de trabalho com portadores de HIV.

Gostar do corpo — Com base em sua vivência com os portadores do HIV, Silvana não tem dúvidas quando afirma que "a descoberta que o portador tem que fazer de si, deve vir dele mesmo e não do exterior, pela percepção do próprio corpo". Essa percepção se dá através de estados de relaxamento, pela diminuição das tensões musculares. Em seu trabalho, a ser publicado em livro, ela exprime como os portadores do vírus inseridos no grupo de pesquisa se sentiam, diante da doença e do próprio tratamento.

"Em contato com o portador se percebia que eles não tinham voz. As informações técnicas, principalmente médicas, que vinham de várias fontes, pesavam muito mais para nortear a conduta da equipe de especialistas do que a palavra do portador. Ao buscar a educação física, no entanto, eles conseguiram dizer: 'Eu quero viver'. Ao dizer que quer aliviar as dores musculares do corpo, quer se tornar vigilante das coisas que desconhece, o indivíduo percebe-se corporalmente". Assim, cada um procurou a educação física para poder gostar do corpo novamente.

Reverter a deformidade — Com as atividades exercidas, o ganho corporal se traduzia em bem-estar, numa ação mais adequada de cada um consigo mesmo, "configurada quando o sujeito permite abrir-se para as coisas do mundo", revela a docente. A atenção ao corpo, acompanhada de atitudes de relaxar e contrair, é uma relação dissolúvel que pode estabelecer a perfeita harmonia pela qual, no ser humano, pode emergir a reflexão do corpo, caso a pessoa esteja alerta sobre o que se passa com ela.

Ao longo do tempo em que conviveu com os portadores de HIV, Silvana constatou que no ato de buscar a educação física estava embutida uma tentativa de reverter conceitos que a doença trazia — da prostração, da deformidade e da morte. "Movimentar-se é apropriar-se da identidade perdida pela invasão de algo estranho. É, também, recuperar a vontade incontinida de se reapropriar do desejo logrado de viver", conclui Silvana. (C.P.)

M LAVANDERIA
meimei

Galeria Nahas- B. Geraldo

- Roupas
- Cobertores
- Cortinas
- Tapetes
- Tingimento

FONE/FAX: (0192) 39-2000 e 39-1058

QUALIDADE EM SERVIÇOS

VELUSCO
DEPILAÇÕES
CABELEIREIROS
unissex e Infantil
Profissionais Especializados
Equipamentos Especiais

Rua Jean Nassif Mokarzel, 47
Barão Geraldo

Manicure & Pedicure FONE.. **394379**

ERNANE'S BUFFET



Sua Festa com Total Qualidade.

*Festas de casamento,
aniversários, eventos.*

TEMOS TUDO PARA
A SUA FORMATURA.

- Salões para 50 a 1000 pessoas
- Locações de equipamentos para festas

Aceitamos encomendas para salgados

Solicite orçamento
sem compromisso.

FONE/FAX: (0192) 54-4597

R. Com. Querubim Uriel, 292

Cambuí - Campinas - SP.

Abriçot
Malhas

Apresente este anúncio e
compre sem entrada até
30/10/94

Blusas c/ Rendinha
R\$ 13,50

- Via Norte-Sul 867 - Cambuí - Campinas - F: 54-6874
- Estrada da Rhodia 1875 - B. Geraldo - F: 39-5911



Beleza Pura
CABELEIREIROS
(UNISSEX)

- Depilação
- Manicure
- Estética (Facial e Corporal)
- Unhas de Porcelana
- Massagem Terapêutica (Shuatsu e Do-In)

R. Plínio do Amaral, 85
Balão do Centro Médico
FONE: 39-5169 - Cid. Universitária

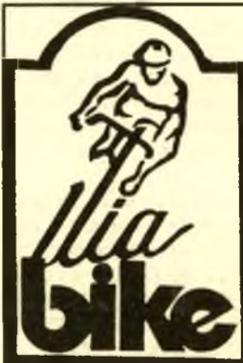
Bambino Mão

MODA INFANTO/JUVENIL

Loja especializada em
enxoval para o bebê,
enfeites e acessórios
para o quarto e maternidade.

Confecções para crianças de até 10 anos.

Galeria Nahas
R. Horácio Leonardi, nº 92 - Loja 7
Barão Geraldo - Campinas - SP.



ACESSÓRIOS E PEÇAS
NACIONAIS E IMPORTADOS
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
CALOI

- Oficina especializada
- Mountain Bike c/ câmbio Shimano Sís, 5- 15-18 e 21 marchas
- Garantia de 6 meses para toda a linha

Consulte nossos preços
FONE: 39-5080

R. Cecília Feres Zogbi, 39 - B. Geraldo (Próx. ao Banespa)

Óptica Sta Izabel

VÁRIOS MODELOS EM
ÓCULOS DE SOL E GRAU
Nacionais e Importados

Laboratório Próprio

Acima de R\$ 60,00
condições especiais de pagamento.

R. Horácio Leonardi nº 92 - Loja 08
Fone: (0192) 39-2135
Barão Geraldo - Campinas - SP.

La Vilette
MODA FEMININA

Peças básicas para trabalho e lazer

- malhas
- jeans
- seda
- linho

MÊS DE OUTUBRO. MÊS DE ANIVERSÁRIO

Passa em nossa loja
e confira nossas promoções

ATENDIMENTO PERSONALIZADO

Av. Albino J.B. Oliveira, 830 - Gal. Flamboyant
Barão Geraldo - Campinas - FONE: 39-0091



CAFÉ
CREME
A
tradição
de tortas
em Barão
Geraldo.

- Salgados
- Tortas
- Bolos
- Sucos.
- Chás
- Café expresso.
- Encomendas de Tortas e Bolos

R. Horácio Leonardi nº 92 - Loja 11, 12, 13 e 14

FONE: 39-0065



Restaurante
ALAMANDA

Um lugar
aconchegante
para você
almoçar.

Comida caseira
Self-service de
saladas
Aos sábados,
Feijoada Light.

Pharmácia Magistral
HOMEOPATIA E LABORATÓRIO DE MANIPULAÇÃO

HOMEOPATIA
MANIPULAÇÃO DE FÓRMULAS
ESSÊNCIAS FLORAIS

Farmacêutica Homeopata: Denise Derly Saburi - CRF 8.11.888

Convênios: ASSUC - ADUNICAMP - TELEBRÁS - RHODIA - A.P.G.

Av. Sta. Isabel, 284 - Barão Geraldo - FONE: 39-2319

IMAGEM & OBJETO



Projetos e Assessoria
na construção civil
Arquiteto responsável
Danilo Roberto Padovani
Av. Sta. Isabel, 260
sala 9 - Galeria Pattaro
Barão Geraldo - Campinas
Fone: 39-5850

Presenteie com flores eternas

*Flôres Orientais
Arranjos
Bouquets*

PRESENTES EXCLUSIVOS

STUDIO UNO

Galeria Pattaro
Av. Sta. Isabel, 260 - Piso superior
FONE: 39-2138 - Barão Geraldo

DROGARIA DO POVO



ENTREGA E APLICAÇÃO A
DOMICÍLIO

Aberta de 2ª a sábado das 7:30 às 22:00 hs.

Convênios: **ADUNICAMP**
SAS da Unicamp

- Av. Sta. Isabel, 183 - B. Geraldo - FONE: 39-1045
- R. Sergio Buarque de Holanda
Biblioteca Central - Unicamp - Fs: 39-5735 - 55-4955

Para Anunciar Ligue: 39-7865 - 39-8404

Teses

Foram defendidas entre os meses de agosto e setembro as seguintes teses:

Biologia

"Efeito de *Achillea millefolium* L. e *Maytenus ilicifolia* Mart. exReiss sobre a espermatogênese de camundongo como modelo experimental" (mestrado). Candidata: Tatiana Montanari. Orientadora: professora Mary Anne Heidi Delder. Dia: 16 de setembro.

"Caracterização de alguns parâmetros biológicos de *Macrocheles mustadomesticus* (Scopoli) associada a moscas sinantrópicas em granja de aves poedeiras de Monte-Mor-SP. (Acarina: mesostigmata; Macrochelidae)". (mestrado). Candidata: Neide Wood Almeida. Orientador: professor Angelo Pires do Prado. Dia: 19 de setembro.

"Estudo comportamental da linhagem celular Vero quando cultivada em gel de colágeno tipo I" (mestrado). Candidata: Silvy Stuchi Maria. Orientadora: professora Maria Lúcia Furlan Wada. Dia: 23 de setembro.

"Comparação florística-geográfica (Brasil) e fitossociológica (Piauí — São Paulo) de amostras de cerrado". (doutorado). Candidato: Antonio Alberto Jorge Farias Castro. Orientador: professor Fernando Roberto Martins. Dia: 27 de setembro.

Ciência da Computação

"Objetos distribuídos" (mestrado). Candidato: Celso Gonçalves Junior. Orientador: professor Rogério Drumond Burnier Pessoa de Mello Filho. Dia: 16 de setembro.

Economia

"Tecnologia e concorrência na indústria brasileira de carnes na década de 80" (doutorado). Candidato: Renato Ramos Campos. Orientador: professor Wilson Suzigan. Dia: 16 de setembro.

"Para além do Estado: tendências, limites e alcance das novas formas de gestão urbana a nível local" (doutorado). Candidata: Suelly Maria Ribeiro Leal. Orientador: professor Carlos Alonzo Barbosa de Oliveira. Dia: 27 de setembro.

Educação

"A transição à aposentadoria na percepção de professores recém-aposentados da Universidade Federal do Espírito Santo" (doutorado). Candidata: Vera Lúcia Deps. Orientadora: professora Anita Liberalesso Neri. Dia: 2 de setembro.

"O corpo En-cena" (mestrado). Candidata: Márcia Maria Strazzacappa Hernandez. Orientador: professor Joaquim Brasil Fontes Júnior. Dia: 2 de setembro.

"As condições subjetivas do trabalho docente: um estudo a partir do ensino de História" (doutorado). Candidato: Itacy Salgado Basso. Orientador: professor Demerval Saviani. Dia: 8 de setembro.

"As enfermeiras, o poder, a história: um estudo exploratório sobre mentalidades" (mestrado). Candidata: Ana Cristina Passarella Bretas. Orientadora: professora Lúcia Mercês de Avelar. Dia: 14 de setembro.

"Zeferino Vaz e a Unicamp — uma trajetória e um modelo de Universidade" (mestrado). Candidata: Stela Maria Meneghel. Orientador: professor Newton Cesar Balzan. Dia: 21 de setembro.

"Mudar o ensino de língua portuguesa no 1º grau: uma promessa que não venceu nem se cumpriu mas que merece ser interpretada" (doutorado). Candidata: Lilian Lopes Martin da Silva. Orientadora: professora Raquel Salek Fiad. Dia: 22 de setembro.

"A construção do ensino público de 2º grau em Campinas — 1ª Delegacia de Ensino — 1980-1993" (Mestrado). Candidata: Maria Abadia da Silva. Orientador: professor José Luis Sanfelice. Dia: 26 de setembro.

"Interação e construção do conhecimento no deficiente mental: um estudo na pré-escola de ensino regular" (mestrado). Candidata: Silvana Saraiva Chakur. Orientadora: professora Ana Luiza Bustamante Smolka. Dia: 30 de setembro.

Educação Física

"Interesses físicos no lazer: a influência do esporte de alto rendimento para a criança na relação lazer-

-escola-processo educativo" (mestrado). Candidato: Alfredo Feres Neto. Orientador: professor Nelson Carvalho Marcellino. Dia: 12 de setembro.

Engenharia Agrícola

"Efeito da vinhaça 'in natura' e biodigerida em propriedades de um solo cultivado com cana-de-açúcar" (mestrado). Candidata: Regina Márcia Longo. Orientador: professor Newton Roberto Boni. Dia: 30 de setembro.

Engenharia de Alimentos

"Efeito das variáveis de extrusão nas características físicas e químicas de produtos intermediários (half-products)" (doutorado). Candidato: José Luis Ramirez Ascheri. Orientador: professor César F. Ciacco. Dia: 12 de setembro.

"Adequação tecnológica para extração e refino do óleo de Canola/Colza" (mestrado). Candidato: Renato Grimaldi. Orientador: professor Walter Esteves. Dia: 22 de setembro.

"Determinação da microbiota do polvilho azedo" (doutorado). Candidata: Eliana Pinheiro de Carvalho. Orientador: professor Vanderlei Perez Canhos. Dia: 30 de setembro.

Engenharia Civil

"Estudo comparativo entre pilares circulares de concreto de alta resistência com armadura de confinamento helicoidal e pilares circulares de seção mista: tubo metálico e núcleo de concreto de alta resistência" (mestrado). Candidato: Paschoal Perdão Júnior. Orientador: professor Luiz Roberto Sobreira de Agostini. Dia: 14 de setembro.

Engenharia Elétrica

"Controle adaptativo do nível do aço no molde de uma máquina de lingotamento contínuo" (mestrado). Candidato: Ricardo Augusto Martinelli Loureiro. Orientador: professor Wagner Caradori do Amaral. Dia: 2 de setembro.

"Estabilidade e caos em sistemas dinâmicos não lineares: aplicação no sistema PLL-Dual" (doutorado). Candidato: Adelheid Ingeborg Mahla Alvarez. Orientador: professor Álvaro Geraldo Badan Palhares. Dia: 14 de setembro.

"Simulação e inteligência artificial aplicadas ao estudo da dinâmica populacional do bicudo do algodoeiro instalado na região de Campinas/SP" (doutorado). Candidata: Maria Conceição Peres Young Pessoa. Orientador: Jurandir Fernando Ribeiro Fernandes. Dia: 16 de setembro.

"Uma proposta para redução das frequências interferentes de baixa visibilidade em receptores de TV-PAL" (mestrado). Candidato: Renato Moretti Pereira de Faria. Orientador: professor Yuzo Yano. Dia: 19 de setembro.

"Correção atmosférica de imagens de satélite e aplicações" (doutorado). Candidato: Jurandir Júnior. Orientador: professor Gerard Guyot. Dia: 23 de setembro.

"Projeto de um somador analógico de tensões integrado de baixo erro, em tecnologia CMOS" (mestrado). Candidata: Marília dos Santos. Orientador: professor Carlos Alberto dos Reis Filho. Dia: 26 de setembro.

"Um sistema para processamento distribuído multimídia" (mestrado). Candidato: Marcelo Perazolo. Orientador: professor Edson Moschim. Dia: 26 de setembro.

"Utilização de equipamentos automáticos de teste em circuitos integrados digitais" (mestrado). Candidato: Rogério Lara Leite. Orientador: professor José Antonio Siqueira Dias. Dia: 27 de setembro.

"Arquitetura VLSI para processamentos morfológicos em imagens" (mestrado). Candidata: Ilka Marinho Barros. Orientador: professor Roberto de Alencar Lotufo. Dia: 30 de setembro.

Engenharia Mecânica

"Planejamento de centrais de cogeração: uma abordagem multiobjetiva" (doutorado). Candidato: José Antonio Perrella Balestieri. Orientador: professor Paulo de Barros Correia. Dia: 9 de setembro.

Engenharia Mecânica

"Cogeração disseminada para pequenos usuários: estudo de casos para o setor terciário" (doutorado). Candidato: José Luz Silveira. Orientador: professor Carlos Alberto Luengo. Dia: 14 de setembro.

"Estudo sobre o escoamento ar-partículas de um reator ciclônico" (doutorado). Candidato: Marco Aurélio Cremasco. Orientadora: professora Silvia Azucena Nebra de Pérez. Dia: 22 de setembro.

"Estudo da técnica de espectroscopia de impedância eletroquímica na análise dos copolímeros de enxerto PEBD-g-AAm" (mestrado). Candidata: Liana Rita Marques dos Santos. Orientadora: professora Célia Marina de Alvarenga Freire. Dia: 22 de setembro.

Física

"Mode Locking de um laser de corante pulsado bombeado por lâmpada" (mestrado). Candidato: Luiz Felipe Lorenzoni de Oliveira. Orientador: professor Carlos Henrique de Brito Cruz. Dia: 2 de setembro.

"Análise de dimensionalidade do emissor de um bico de tunelamento ressonante" (mestrado). Candidato: Pablo Hector Rivera Riofano. Orientador: professor Peter Alexandre Bleinroth Schulz. Dia: 5 de setembro.

"Introdução de um quantum' de tempo no formalismo da mecânica quântica" (doutorado). Candidato: Ruy Hanazaki do Amaral Farias. Orientador: professor Erasmo Recami. Dia: 15 de setembro.

Geociências

"Planejamento estratégico de grandes empresas do setor mineral: estudo de caso do grupo RTZ Corporation PLC" (mestrado). Candidato: Flávio Edmundo Novaes Hegenberg. Orientador: professor Iran Ferreira Machado. Dia: 9 de setembro.

"Estudo de uma comunidade científica na área das Ciências Sociais: o caso do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas — IFCH — da Universidade Estadual de Campinas — Unicamp" (mestrado). Candidata: Elena Maritza León Orozco. Orientadora: professora Sandra de Negreais Brisolla. Dia: 27 de setembro.

Humanas

"Organização social e cosmovisão kaingang: uma introdução ao parentesco, casamento e nomenclatura em uma sociedade Jê Meridional" (mestrado). Candidata: Juracilda Veiga. Orientadora: professora Vanessa Rosemary Lea. Dia: 8 de setembro.

"Tempo e irreversibilidade: uma crítica da tradição boltzmanniana" (doutorado). Candidato: Alfredo Pereira Júnior. Orientador: professor Michael Beaumont Wrigley. Dia: 21 de setembro.

"Um terceiro partido nos caminhos da liberdade: socialistas brasileiros na redemocratização em 1945" (mestrado). Candidato: José Pedro Renzi. Orientador: professor Ricardo L.C. Antunes. Dia: 20 de setembro.

Linguagem

"A linguagem da comunidade tiroleza-trentina da cidade de Piracicaba-SP" (mestrado). Candidata: Maria Lúcia de Almeida Leme. Orientador: professor Luiz Carlos Cagliari. Dia: 22 de setembro.

Matemática

"O método de quadrados mínimos ponderados na análise de tabelas de contingência: aplicações em pesquisa agrícola" (mestrado). Candidata: Aline de Holanda Nunes Maia. Orientador: professor Euclydes Custódio de Lima Filho. Dia: 2 de setembro.

"Modelos de regressão Weibull e Sarkar para testes acelerados em problemas de riscos competitivos" (mestrado). Candidata: Silvia Emiko Shimakura. Orientadora: professora Cicilia Yoko Wada. Dia: 16 de setembro.

"Concorrência em linguagens de comandos" (mestrado). Candidato: Maurício Alberto Fernández. Orientador: professor Rogério Drumond Burnier Pessoa de Mello Filho. Dia: 23 de setembro.

"OMNI sistema de suporte a aplicações distribuídas" (mestrado). Candidato: Cassius Di Cianni. Orientador: professor Rogério Drumond Burnier Pessoa de Mello Filho. Dia: 23 de setembro.

"Concorrência em lineares de comandos" (mestrado). Candidato: Maurício Alberto Fernández. Orientador: professor Rogério Drumond Burnier Pessoa de Mello Filho. Dia: 30 de setembro.

"Um modelo para a implementação de Federação de Traders" (mestrado). Candidato: Luiz Augusto de Paula Lima Júnior. Orientador: professor Edmundo Roberto Mauro Madeira. Dia: 29 de setembro.

Medicina

"Um sistema computadorizado de apoio ao multiagnóstico da esquizofrenia" (doutorado). Candidato: Tarcio Fábio Ramos de Carvalho. Orientador: professor Dorgival Caetano. Dia: 12 de setembro.

"Aspectos citológicos e bioquímicos de derrames pleurais em pacientes portadores de neoplasias" (doutorado). Candidata: Paula Virgínia Bottini. Orientadora: professora Célia Regina Garlipp. Dia: 12 de setembro.

"Parâmetros da resposta imunológica em trabalhadores expostos ao mercúrio" (mestrado). Candidata: Denise Conceição Mesquita Dantas. Orientadora: professora Mary L. S. Queiroz. Dia: 19 de setembro.

"Interação entre células conjuntivas hepáticas e mastócitos" (mestrado). Candidato: José Marques de Brito Neto. Orientador: professor Radovan Borjevic. Dia: 22 de setembro.

"Efeitos da nifedipina e do antagonista de receptor de paf (bn 52021) sobre a função tubular renal na insuficiência renal aguda induzida por glicérol em ratos" (doutorado). Candidato: Eduardo Homs. Orientador: professor José Francisco Figueiredo. Dia: 27 de setembro.

"A enfermagem diante do paciente com AIDS e a morte" (mestrado). Candidata: Rosely Moralez de Figueiredo. Orientador: professor Egberto Ribeiro Turato. Dia: 26 de setembro.

Química

"Síntese total de (+)-cularina, (+)-sarcocapnina, (+)-sarcocapnidina E (+)-crossifolina" (doutorado). Candidata: Joana D'Arc Féliz de Souza. Orientador: professor José Augusto Rosário Rodrigues. Dia: 8 de agosto.

"Síntese e reatividade de alguns clusters metálicos carbonilados contendo cobalto, ródio e irídio" (doutorado). Candidata: Fátima Squizani. Orientadora: professora Maria Domingues Vargas. Dia: 12 de agosto.

"Cálculos de potenciais de ionização de algumas bases purinas e aguanalogas utilizando o método semiempírico HAM/3" (mestrado). Candidato: José Jair Vianna Cirino. Orientador: professor Yuji Takahata. Dia: 15 de agosto.

"Modelamento mecânico-quântico de tensores polares" (doutorado). Candidato: Harley Paiva Martins Filho. Orientador: professor Roy Edward Bruns. Dia: 2 de setembro.

"Dispositivo eletrocromático poli (pirrol) WO³: síntese, montagem e caracterização" (doutorado). Candidata: Ana Maria Rocco Behrens. Orientador: professor Marco Aurélio de Paoli. Dia: 2 de setembro.

"Fotoprodução de peróxido de hidrogênio em águas naturais sob a ação da luz solar" (doutorado). Candidato: Marco Tadeu Grassi. Orientador: professor Wilson de Figueiredo Jardim. Dia: 19 de setembro.

"Complexos alfa-diimínicos de platina (II)" (mestrado). Candidata: Alba Denise de Queiroz Ferreira. Orientador: professor Gilson Hebert Magalhães Dias. Dia: 23 de setembro.

"Morfologia de blends de copolímeros bloco e homopolímeros" (mestrado). Candidata: Márcia Cristina Branciforti. Orientadora: Maria do Carmo Gonçalves. Dia: 29 de setembro.

"Estudo fitoquímico do gênero *pachyrhizus rich EX D:C*" (doutorado). Candidata: Shirlei Scramin. Orientador: professor Aderbal Faria Magalhães. Dia: 29 de setembro.

"Transformação metatética de óleos vegetais em insumos para indústria de surfactantes" (mestrado). Candidato: Dalmo Mandelli. Orientador: professor Ulf Friedrich Schuchardt. Dia: 30 de setembro.

MATRÍCULAS
ABERTAS

Venha participar de
uma aula demonstrativa!

Rendimento Comprovado pelo Histórico Escolar	Desconto na Mensalidade
1.CR - 0,5 - 0,69	5%
2.CR - 0,7 - 0,79	10%
3.CR - 0,8 - 0,89	15%
4.CR - 0,9 - 1,0	20%

FISK

SEU CR VALE
DESCONTOS NA
FISK!

- Laboratório Áudio Ativo - Comunicativo
- Multimídia
- Biblioteca, Videoteca, Fitoteca

INGLÊS
ESPANHOL
COMPUTAÇÃO

TOEFL
Ministrado por Professores
Norte-Americanos e exames
aplicados no próprio local

Certificado reconhecido pelo MEC

Descontos especiais para alunos, professores e funcionários da UNICAMP.

R. Cel. Quirino, 1111 - Cambuí F: 52-2001
R. Oliveira Cardoso, 215 - Castelo F: 42-0797

Tese narra trajetória de Zeferino

Projeto da Unicamp conjugou ensino e geração de conhecimento novo

Da mesma maneira que não é fácil nem legítimo separar a obra de seu criador, é impossível dissociar a trajetória científica e administrativa de Zeferino Vaz de sua concepção de universidade. A criação da Unicamp e os caminhos inicialmente trilhosados pela instituição estão diretamente vinculados à personalidade e à história pessoal de Zeferino. Embora o modelo adotado tenha sido originalmente testado por Darcy Ribeiro na Universidade de Brasília (UnB) a partir de 1961, porém rapidamente abortado com o golpe militar de 1964, foi em Campinas, graças a Zeferino que o projeto veio a florescer.

Para compreender como foi possível viabilizar tão ambicioso projeto em pleno interior paulista, a pedagoga Stela Maria Meneghel, sob a orientação do professor Newton Balzan, desenvolveu uma pesquisa que resultou na dissertação de mestrado intitulada "Zeferino Vaz e a Unicamp - uma trajetória e um modelo de Universidade".

Em seu trabalho, apresentado na Faculdade de Educação (FE) no final do mês passado, Stela mostra que a construção da Unicamp baseou-se em três estratégias: produtividade acadêmica, gerenciamento empresarial e marketing. Essas estratégias só foram no entanto implementadas devido ao perfil empreendedor e ao mesmo tempo centralizador de Zeferino. Durante os 12 anos em que foi reitor da Unicamp, Zeferino fomentou e projetou, com rara habilidade, o nome da instituição não só no Brasil como também no exterior.

O olhar histórico — Antes mesmo de se debruçar sobre o perfil do criador da Unicamp, Stela viu-se obrigada a resgatar um pouco da história da universidade brasileira. Esse olhar em retrospectiva lhe permitiu entender a influência dos modelos de universidades inglesas, alemãs, norte-americanas e francesas, que em momentos diferentes perpassaram as instituições de ensino superior do Brasil.

A pesquisadora retrata "o contraste da implantação e do crescimento da Unicamp em um momento de invasões, perseguições e escassez de recursos na maioria das instituições, e sua consonância com a Lei da Reforma Universitária, de 1968". Descobre, que a personalidade e a história pessoal de Zeferino contribuiu decisivamente para o êxito do projeto. Um projeto que em pleno período militar conseguiu "uma relativa autonomia didática, financeira e administrativa, quando vingava a repressão e a submissão das instituições públicas".

Verifica, ao longo da pesquisa, que a Unicamp "vem a ser a consolidação de uma proposta que atendia a interesses que, desde a década de 50, vinha amadurecendo em intelectuais e empresários do país". Estava, ao mesmo tempo, "em sintonia com as diretrizes da política educacional elaborada pelos acordos MEC-Usaid a partir de 1965", que já preconizavam "amplo incentivo à pesquisa científica nos diversos domínios do saber, com o apoio solidário do triângulo Estado-Universidade-Empresa, de modo que atenda aos imperativos da segurança, da ciência e da produtividade".

A trajetória de Zeferino — Resgatar a história pessoal de Zeferino Vaz, médico aos 23, doutor em Medicina aos 24 e catedrático em Zoologia Médica e Parasitologia do atual Instituto de Ciências Biomédicas da USP aos 27 anos, foi o caminho percorrido pela pesquisadora para enten-

der o trabalho realizado pelo criador da Unicamp.

Zeferino viveu na USP o modelo francês de ensino e de formação profissional das elites para o exercício de cargos públicos. Havia também em sua formação um pouco do modelo alemão por ter passado por alguns institutos de pesquisa. A soma dessas experiências, associada à diversidade de modelos, permitiu ao criador da Unicamp vislumbrar a possibilidade de implantar no país um novo modelo de universidade.

Influenciado ainda pelo modelo norte-americano, amadurecia na cabeça de Zeferino a idéia de acabar com a crença corrente de que o professor universitário era um mero produtor de conhecimentos. Era necessário transformá-lo também em gerador de conhecimentos através de pesquisas de campo, em laboratórios e em bibliotecas.

A primeira oportunidade que teve em colocar em prática seus princípios foi na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da USP, para a qual Zeferino foi nomeado diretor em fevereiro de 1952. Já nessa época, como relata Stela, as idéias para a construção de uma faculdade eram "grandiosas". Zeferino afirmava então: "Meu intuito é um só. Fazer de Ribeirão Preto o maior centro científico da América Latina". Na mesma oportunidade dizia: "Não seria eu que iria realizar coisa de barro, mas sim algo monumental, digno de um povo do ano 2.000".

O êxito da proposta e a experiência acumulada na implantação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto já anteviam, de certa forma, a realização de seu projeto mais ambicioso: uma universidade.

Já na época, as célebres prioridades de Zeferino para a formação de instituições científicas eram: a) cérebros, b) cérebros, c) cérebros, d) bibliotecas, e) equipamentos e f) edifícios. A mesma filosofia foi mais tarde aplicada na construção da Unicamp. A importância que dava à pesquisa não se limitava aos professores. Não só franqueava como estimulava o uso dos laboratórios aos alunos, pensando na geração de futuros pesquisadores.

Seu grande sonho, segundo depoimentos colhidos por Stela, era ser reitor da USP, instituição para a qual dedicou a maior parte de sua vida pública. Lutou para alcançar esse objetivo. Como diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP) concorreu em 1960, pela primeira vez, à indicação da lista tripartite para reitor da USP, mas perdeu para o professor Antonio Barros de Ulhôa Cintra. Diante da derrota, conseguiu, com o apoio pessoal do ex-governador Carvalho Pinto, assegurar mais uma vez seu cargo na direção da FMRP.

Dois anos depois fervilhava o movimento estudantil por todo o país. Em 1962, "com a greve geral decretada pela UNE em favor da representação discente de um terço nos órgãos colegiados das universidades e instituições isoladas", a Faculdade de Ribeirão Preto, que não tinha sequer sua Congregação, reagiu. Os estudantes da FMRP, que já vinham fazendo suas próprias reivindicações internas, aproveitaram o momento político e chegaram a organizar um enterro simbólico de Zeferino que, magoado, dizia aos que o procuravam: "Vocês não me enterraram? Então não venham pedir nada a mim, que estou morto".

Durante 27 anos Zeferino Vaz permaneceu no Conselho Universitário da USP. Foi presidente do Conselho Estadual de Educação (CEE), secretário da Saúde do governo Adhemar de Barros e até mesmo interventor na UnB. Com o golpe de 1964 e a destituição de Darcy Ribeiro da reitoria da

Universidade de Brasília, Zeferino Vaz foi o escolhido para dirigir a Universidade naquele momento turbulento por que passava o país. Além de conhecer o projeto da instituição, transitava com desenvoltura entre os militares, pois colaborou com o golpe e não escondia isso de ninguém.

Embora fosse reconhecido como uma das maiores autoridades educacionais do país, o clima político não propiciava diálogo fácil com interlocutores tão distintos: os militares e os membros da comunidade da UnB. Sua passagem pela Universidade de Brasília não foi das melhores. Quando lá chegou já havia uma lista de demissão de 21 pessoas. Aceitou essa mas resistiu o quanto pôde a outras.

Enquanto esteve na direção da UnB não permitiu a presença de policiais no campus da universidade, atitude que adotaria mais tarde também na Unicamp. Mas com o andar da revolução aumentaram as pressões sobre a UnB, então considerada antro de subversivos. Como Zeferino resistiu a muitas das tentativas para um expurgo completo da universidade e a mudanças no projeto original da instituição, no qual acreditava, a retaliação mais direta veio do Ministro da Educação, da época, Flávio Suplicy de Lacerda, que cortou em 40% as verbas da Universidade.

Em abril de 1965, quando o governo militar apresentou novas listas de demissão, Zeferino começou a preparar o terreno para deixar a UnB. Em agosto estourou o rumoroso caso do professor de filosofia Ernani Fiori, que Zeferino contratou e teve de demitir, por pressão militar. Ernani já havia sido afastado antes de seu cargo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por motivos políticos, com base no AI-5. Zeferino viu-se de repente entre a forte pressão das autoridades, que exigiam a demissão do filósofo e o movimento da comunidade universitária, que pedia a sua readmissão. Acabou ele próprio pedindo demissão do cargo.

A construção da Unicamp — Diante das dificuldades em conciliar o projeto da UnB com o regime militar e a pressão das forças conservadoras, Zeferino, que havia perdido a reitoria da USP pela segunda vez em 1963, lançou-se então ao planejamento e à criação de uma nova universidade em São Paulo: a Unicamp. Por várias vezes havia sido convidado a dirigir o projeto de implantação da Unicamp, criada pelo decreto-lei 7665 de 1962, mas que efetivamente iniciou suas atividades em 1963 com a Faculdade de Medicina.

Contando com o apoio da comunidade campineira e a amizade pessoal do governador estadual Adhemar de Barros, Zeferino viu na Unicamp a oportunidade de construir sua própria universidade. Aceito o desafio, foi nomeado para a presidência da comissão instaladora, apesar dos protestos de alguns membros do Conselho Estadual de Educação que viam na criação de mais uma universidade paulista uma sangria nos cofres públicos.

Zeferino contou, porém, com o apoio financeiro de várias indústrias da região, como 3M, Gessy Lever, Clark Equipamentos e Bosch, que viam na universidade a possibilidade de formar profissionais para seus quadros. De fato os primeiros cursos criados foram os de matemática, química, engenharia mecânica, elétrica e tecnologia de alimentos. Começou assim a sua fama de universidade tecnológica.

Não abriu mão, porém, de um modelo completo de universidade, que abrigasse cursos para o setor produtivo e tecnológico, mas ao mesmo tempo contemplasse com igual prestígio a área de Humanidades e Artes. Implementou em 1970 o curso de ciências sociais e de economia e administração. Já a área de Artes inicia-se apenas nos anos 80. A consolidação da Unicamp só foi possível, de acordo com a pesquisadora, devido ao "apoio maciço de verbas do governo federal e estadual". Zeferino tinha carta branca para a contratação de professores e a alocação de recursos.

Durante o período em que foi reitor da Unicamp, Zeferino adotou um estilo de administração próprio, com decisões rápidas. Era uma universidade ágil. "Apesar de centralizador, conferia autonomia aos coordenadores de institutos e faculdades para deliberar sobre distribuição de verbas para pesquisa, formação do corpo do



Stela: estudo resgata história de Zeferino (no quadro)

Pensata

Produtividade

"O indivíduo que não produz não fica. Eu dou prazo, dou tempo, mas chamo e digo: 'Olha, você precisa produzir, senão eu ponho pra fora. Porque eu sou muito egoísta. Quando você está produzindo algo novo, 97% é para você, mas 3% é para mim, para o reitor. Eu tenho uma corretagem neste negócio. E é preciso que produza cientificamente. Eu não quero saber da quantidade de trabalhos, eu quero saber da qualidade. Eu dou estímulo ao que produz e trato diferentemente o que produz daquele que não produz'".

Recursos

"Eu fui ao Dilson, que era secretário de Planejamento, grande empresário, engenheiro inteligente como o diabo, e disse: 'Dilson, olha aqui, está vindo esta gente aqui. Olha o currículo deles! Olha o passado! Os projetos! Essa gente não tem nada, não tem mesa, não tem cadeira, não tem edifício, não tem nada. Eles podem fazer muita coisa para a Universidade, mas eu preciso de dinheiro. O governo nunca me negou dinheiro'".

cente, escolha de funcionários. Não permitiu que a burocracia que se instalava, em nome da modernidade, nas instituições de ensino superior do país, prejudicasse seu projeto", observa Stela.

Zeferino não gostava, porém, quando comparavam a Unicamp ao modelo da UnB e explicava: "O modelo de Campinas é muito mais integrado. Já lhe disse que lá eles integraram ciências exatas e biológicas de um lado, naquele minhocão, e ciências humanas em outra coisa, separada. Artes em outro lugar. Em Campinas não. É uma unidade. E para simbolizar esta unidade, eu chamei o

Prioridades

"O projeto foi estabelecido: transmissão, criação do conhecimento novo e extensão à comunidade externa. Os elementos necessários para desenvolver estas atividades são: primeiro, cérebros; segundo, cérebros; terceiro, cérebros. Edifícios e equipamentos não constroem e nem fazem nada".

Ideologias

"Não quero saber qual é a ideologia do professor. Apenas não admito que ele utilize a Universidade para fazer pregação ideológica. Um professor de política, por exemplo, tem que fazer a exposição de todas as correntes ideológicas. Mas uma exposição honesta, clara, sincera, rigorosamente científica, de todas as doutrinas. Por isso não quero saber a ideologia do professor, não penetro na sua consciência. E não admito nunca que invadissem a Unicamp para deter qualquer professor em razão de ideologia política".

Sobrevivência

"Por mais preciosa que seja a carga, o capitão do navio sabe o momento em que o peso desta pode afundar sua embarcação, pondo a perder todo o resto".

arquiteto e disse: "Você vai fazer qualquer coisa, contanto que haja uma grande praça central".

A praça foi construída. A Universidade tornou-se respeitada no Brasil e ganhou projeção internacional. Para saber o que permanece do projeto original de integração entre as diferentes áreas, da visão de interdisciplinaridade e de convívio entre professores, alunos e funcionários, Stela pretende dar continuidade à sua pesquisa, agora para o doutoramento. Quer comparar a Unicamp idealizada por Zeferino Vaz com a instituição atual. (G.C.)